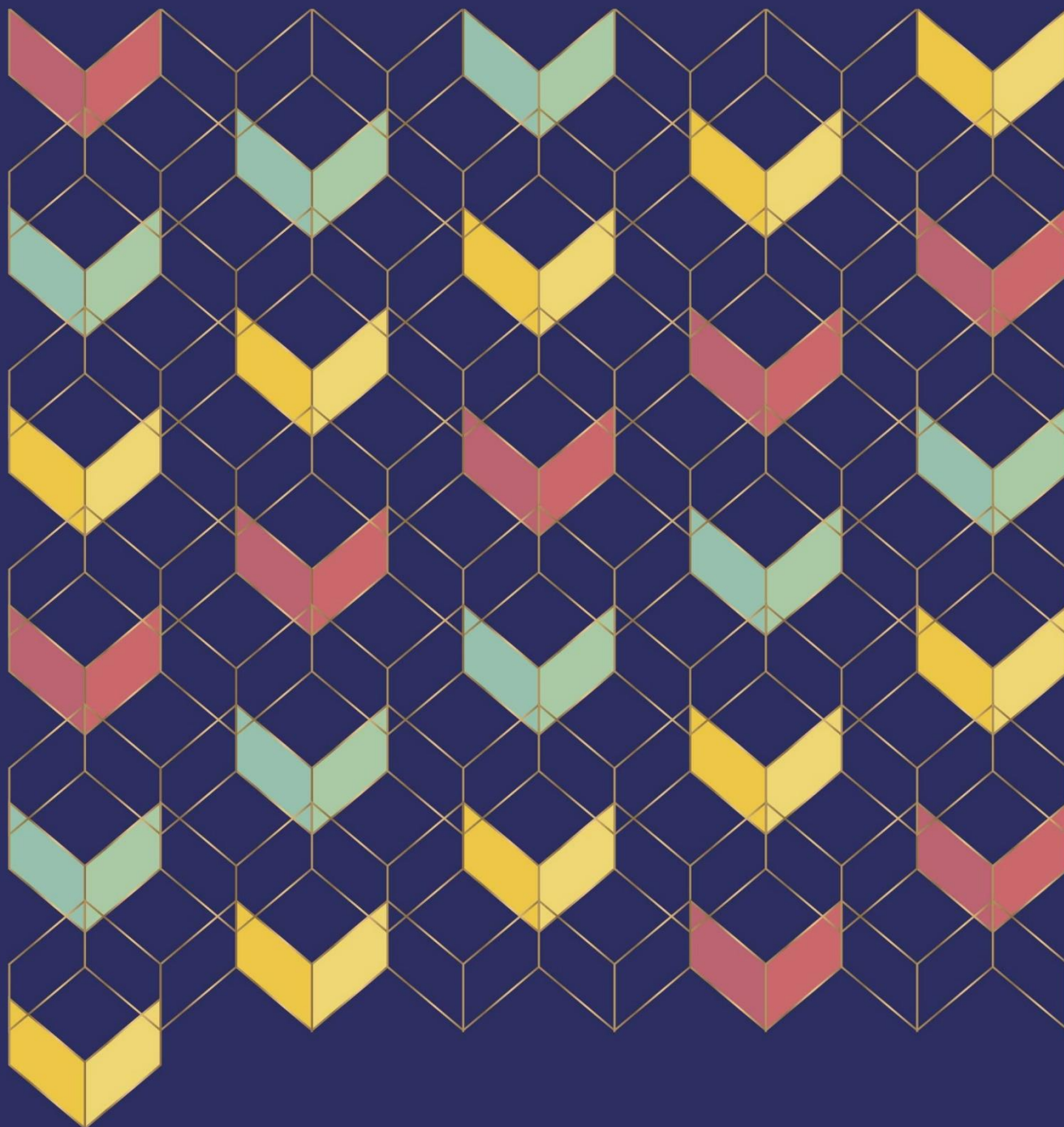


Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais

Cultivando conhecimento

2021

Volume 4, Número 2
ISSN Online: 2184-3058





FICHA TÉCNICA

- **ISSN ONLINE:** 2184-3058
- **FREQUÊNCIA:** Semestral
- **PROPRIEDADE:** Ponteditora, Sociedade Unipessoal, Lda.
- **NIPC:** 514 111 054
- **COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DO PROPRIETÁRIO:** 10 000€, 100% detido por Ana Leite, doutoranda
- **GESTÃO (NÃO REMUNERADA):** Eduardo Leite, Ph.D.
- **LOCALIZAÇÃO:** Startup Madeira — Campus da Penteada, 9020-105, Funchal, Madeira, Portugal
- **CONTACTO PRINCIPAL:**
 - Eduardo Leite
 - Universidade da Madeira
 - +351 291 705 180
 - eduardo.leite@staff.uma.pt
- **CONTACTO DE APOIO:**
 - Ponteditora
 - +351 291 723 010
 - geral@ponteditora.org



EQUIPA EDITORIAL

EDITORAS-CHEFE

Isabel Lousada  — Ph.D. pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora Auxiliar de nomeação definitiva da NOVA FCSH, Portugal.

Luísa Paolinelli  — Ph.D. em Literaturas Comparadas e Agregação em Estudos Culturais. Professora Associada com Agregação da Universidade da Madeira, Portugal.

EDITORAS ADJUNTAS

Vanda de Sousa  — Ph.D. em Estudos de Cultura. Professora Adjunta Convidada da ESCS — IPL, Portugal.

Vanessa Cavalcanti  — Ph.D. em Humanidades. Professora Titular da Universidade Federal da Bahia, Brasil.

CONSELHO CIENTÍFICO

- Carlos Fiolhais  — Ph.D. em Física Teórica. Professor Catedrático da Universidade de Coimbra (Aposentado), Portugal.
- Cláudia Fernandes  — Ph.D. em Estudos Românicos. Leitora nas Universidades de Viena e Salzburgo, Áustria.
- Cristian Góes  — Ph.D. em Comunicação e Sociabilidade. Membro do Museu Virtual da Lusofonia e do Coletivo Carolina Maria de Jesus de Pesquisa em Jornalismo e Cultura, Brasil.
- Cristiano Santos  — Ph.D. em Comunicação e Cultura. Professor Adjunto na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Fernando Moreira  — Ph.D. em Cultura Portuguesa. Professor Catedrático da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- Inês Aroso  — Ph.D. em Ciências da. Professora Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal.
- José Eduardo Franco  — Ph.D. em História e Civilizações. Investigador Coordenador com Equiparação a Professor Catedrático e Diretor do Centro de Estudos Globais e da Cátedra UNESCO de Estudos Globais da Universidade Aberta, Portugal.
- Karin Noemi Rühle Indart  — Ph.D. em Educação (com 2 Pós-Doutorados em Linguística). Professora Convidada da Universidade Nacional de Timor-Leste, Timor-Leste.
- Maria Manuel Baptista  — Ph.D. em Cultura com Agregação em Estudos Culturais. Professora Catedrática da Universidade de Aveiro, Portugal.



- Moisés Lemos Martins  — Ph.D. em Ciências Sociais. Professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (FCAATI) do Centro Universitário do Porto da Universidade Lusófona, Portugal.
- Raquel Varela  — Professora Auxiliar com Agregação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Regina Brito  — Ph.D. em Linguística. Investigadora em Letras. Coordenadora da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil.
- Roberto della Santa  — Ph.D. em Ciências Sociais. Investigador Integrado do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (CeG-UAb), Portugal.
- Roberval Teixeira e Silva  — Ph.D. em Linguística Aplicada. Professor e Pesquisador do Departamento de Português da Universidade de Macau, China.
- Rute Costa  — Ph.D. em Linguística. Professora Associada com Agregação da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Sandrina Teixeira  — Ph.D. em Comunicação, Publicidade e Relações Públicas. Professora Adjunta do Instituto Politécnico do Porto, Portugal.
- Sara Jona Laisse  — Ph.D. em Estudos Portugueses. Professora Auxiliar da Universidade Católica de Moçambique, Moçambique.
- Virgínia Camillotti  — Ph.D. (com Estágio e Pós-Doutorado) em História. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, Brasil.

CONSELHO EDITORIAL

- Ana Leite  — Doutoranda em Políticas Económicas. Investigadora, FEUC/ISCTE/ISEG, Portugal.



ESTATUTO EDITORIAL

I — A **Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais (NAUS)** é uma publicação periódica. Propriedade: Ponteditora.

II — Aberta a novos mundos e caminhos, reforçando a sua missão, de longo prazo, de reunir e disseminar conhecimento e aproximar as comunidades científicas dedicadas à cultura e comunicação lusófonas. A **NAUS** publica, preferencialmente, em português e inglês, mas aceita outras línguas sempre que a publicação o justificar. A **NAUS** aceita contribuições em português anterior ao Acordo Ortográfico (AO) e pelo AO, em conformidade e respeito pela intenção expressa pelos/as autores/as em nota de intenção expressa nos artigos científicos submetidos.

III — A linha editorial da **NAUS** publica textos dedicados às práticas e representações da comunicação e culturas lusófonas, em áreas que se consideram em três grandes abordagens: comunicação social (jornalismo, informação), comunicação estratégica para inclusão (publicidade, marketing, relações-públicas, administração, ciência política, direitos humanos) e comunicação cultural (filosofia, antropologia, sociologia, história, artes e design, cinema e literatura).

IV — A missão da **NAUS** é promover o estudo da cultura lusófona e estimular a pesquisa e a elaboração de estudos e ensaios a nível global.

V — A **NAUS** é publicada semestralmente em formato digital (acesso aberto).

VI — Os números da **NAUS** terão aproximadamente de 80 a 180 páginas A4.

VII — A **NAUS** apresenta um conselho editorial técnico, aberto a académicos, investigadores/as, profissionais e executivos de diversas organizações e empresas relacionadas com a pesquisa das práticas e representações das culturas lusófonas, assumindo-se como uma plataforma internacional, global e englobante que visa a promoção destas práticas e representações.

VIII — A **NAUS** publica e revê artigos académicos e científicos originais, ensaios e resenhas, de acordo com critérios de relevância e qualidade científica.

IX — A aprovação de manuscritos para publicação é regulamentada por critérios de relevância, interesse, qualidade científica e respeito pela pluralidade de perspetivas. A **NAUS** assume-se como independente de qualquer poder político, ideológico ou económico, sendo orientada por critérios de rigor, isenção e inclusão.

X — A **NAUS** publica em português e inglês, sendo aceites outras línguas se o texto for submetido em versão bilíngue e/ou em caso de um número especial cuja temática o justifique. Cada artigo inclui um título, resumo e palavras-chave.



XI — A **NAUS** edita tanto Números Regulares como Números Especiais, confiados a investigadores credenciados nas respetivas áreas de especialização (Diretrizes para Revisores/as por Pares), sob a supervisão e aprovação da Equipa Editorial. Toda a colaboração está sujeita a um processo de seleção e revisão exigente com base na arbitragem científica de duas maneiras, por dupla revisão anónima ou aberta por pares.

XII — Visando os mais elevados padrões éticos na publicação, a Equipa Editorial da **NAUS** inspira o seu Código de Ética nas diretrizes estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics ([COPE](#)); Declaração de Helsínquia ([WMA](#)); International Committee of Medical Journal Editors ([ICMJE](#)); Animal Research: Reporting of In Vivo Experiments ([ARRIVE](#)). Este código define as responsabilidades de todas as partes envolvidas no ato de publicação na **NAUS**.

XIII — A **NAUS** pretende promover a troca de ideias, experiências e projetos entre autores/as e editores/as, contribuindo para a reflexão das suas editoriais a nível global.

XIV — A **NAUS** disponibiliza Diretrizes para Autores/as para a apresentação e publicação de artigos.

XV — A Equipa Editorial da **NAUS** está empenhada em garantir o respeito pelos princípios éticos e ética profissional dos/as jornalistas, bem como pela boa fé dos/as leitores/as, nos termos do n.º 1 do artigo 17.º da Lei da Imprensa.



ÍNDICE

PÁGINA	TÍTULO	AUTOR(ES)
1	EDITORIAL — MANEIRAS DE SENTIR E EXPRESSAR EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS	Vanessa Cavalcanti Isabel Lousada Luísa Paolinelli Vanda de Sousa
3	POEMAS DA SOLIDÃO. REVISITAÇÃO DO TEMA EM POETAS DA GERAÇÃO DE 30 BRASILEIRA	Geraldo Fernandes
19	A PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA PUBLICADA NO PERIÓDICO CAMETAENSE OITOCENTISTA <i>O JASMIM</i> — ANÁLISE DE DOIS TEXTOS	Maria Lima Maria Tavares
29	ETTY HILLESUM: FORÇA INTERIOR E AMOR TRANSBORDANTE BASEADOS EM PRINCÍPIOS ÉTICOS	Maria de Oliveira
39	“BUSCAR EM LONGES TERRAS O QUE EM CASA NOS FALTA”: REFLEXÕES SOBRE O ESTRANGEIRO NO PENSAMENTO DE EDUARDO LOURENÇO	Mafalda Soares
51	<i>MARIA E SOPHIA — CONFIDÊNCIAS E DESABAFOS</i> (2.ª ED.), DE ROSABELA AFONSO. EDITORIAL NOVEMBRO (2022)	Luísa Fresta



EDITORIAL

MANEIRAS DE SENTIR E EXPRESSAR EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS

[10.29073/naus.v4i2.882](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.882)

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcs.unl.pt.

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

“Livros oferecem visões de novos mundos diferentes daquele com os quais temos familiaridade. Como terras exóticas e estranhas, livros proporcionam aventuras, novas formas de pensar e de ser. Sobre tudo, apresentam uma diferente perspectiva, saindo da zona de conforto.”

hooks (2015)

Tanto a poesia quanto a prosa são expressões literárias profundas e que refletem sobre sensações personalíssimas, contextos históricos e tensões entre esfera privada, íntima e pública, coletiva.

Nesse número da *NAUS (Revista Lusófona de Estudos de Cultura e Comunicação)*, uma linha especial se interpõe justamente entre a produção poética, prosa de ficção e a “conversa” consigo e com coletividades.

No primeiro artigo, **“Poemas da Solidão. Revisitação do Tema em Poetas da Geração de 30 Brasileira”**, revisitando o Modernismo brasileiro, cria-se uma expressão atenta sobre a solidão, tomando três poetas. Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes são as opções escolhidas sob as lentes teóricas de Melanie Klein. Para além do sentimento e vivência da solidão, as contribuições do campo da Psicanálise e Psicologia são fundamentos da análise almejada nesse estudo.

Em **“A prosa de ficção portuguesa publicada no periódico Cametaense oitocentista O Jasmim — Análise de dois textos”**, a intenção é não só de historicizar o florescimento de publicações jornalísticas, em cenário e contexto brasileiros, mas a escrita, utilizando entretenimento e informação como recurso. A demarcação geográfica-temporal está circunscrita no Pará (mais especificamente na cidade de Cametá) e no século XIX e o advento de um movimento de resistência relevante para a História — a Cabanagem.

Em tempos de revoltas e guerras, sejam no século XIX ou XX, as expressões literárias são fontes de inspiração, memória e reflexos sociais e individuais. Nos folhetins, na imprensa ampla ou em formato de documentos pessoais, a escrita revela potencialidades. Isso aparece no artigo **“Ettý Hillesum: Força interior e amor transbordante baseados em princípios éticos”**. Mulher judia não-praticante, no contexto da Segunda Guerra Mundial, percebe-se integrada na conjuntura de subjugação. O foco em análise documental e a partir de trechos do diário, enfatiza noções de comunhão e existência.

Para fechar esse ciclo, nas efemerides do centenário de nascimento de Eduardo Lourenço, o artigo **“Buscar em longes terras o que em casa nos falta: Reflexões sobre o estrangeiro no pensamento de Eduardo Lourenço”** busca compreender os desafios que atravessam as sociedades europeias nos dias atuais. Versa sobre o imaginário coletivo português, nos fluxos migratórios de ir e vir. Tecendo uma abordagem comparatista, adentra no tópico essencial dos movimentos e/imigrantes.

Acompanhando também a tendência de valorizar publicações recentes e que podem contribuir para a produção e circulação de conhecimento interdisciplinar, temos a resenha do livro ***Maria e Sophia — Confidências e desabafos***, publicado em novembro de 2022 e de autoria de Rosabela Afonso.



Eis um convite à boa leitura e transitar por expressões da literatura e da escrita em seus múltiplos estilos.

REFERÊNCIAS

hooks, b. (2015). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Martins Fontes.

DECLARAÇÃO ÉTICA



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.



POEMAS DA SOLIDÃO. REVISITAÇÃO DO TEMA EM POETAS DA GERAÇÃO DE 30 BRASILEIRA

POEMS OF SOLITUDE. REVISITING THE THEME IN POETS OF THE BRAZILIAN GERAÇÃO DE 30

[10.29073/naus.v4i2.799](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.799)

RECEÇÃO: 20 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Geraldo Fernandes , Universidade Federal do Ceará, Brasil, geraldaoagust@uol.com.br.

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar o tema da solidão numa revisitação à Geração de 30 brasileira. Três poetas dessa fase do Modernismo cantam o tema não só nos poemas aqui apresentados, mas têm-no como um campo semântico das suas produções. Analisaremos três composições de Carlos Drummond de Andrade e, para confrontá-las, um poema de Cecília Meireles e outro de Vinicius de Moraes. Por base teórica, valemo-nos de Melanie Klein na perspectiva dos seus estudos da psicanálise e ainda de outras estudiosas da área da psicologia, como Lima e Cardoso Andrade. Quanto ao tratamento da solidão por estudiosos da literatura, vamos nos valer de Amorim & Souza, Beth Brait, Marques e Costa Pinto.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Drummond de Andrade; Cecília Meireles; Geração de 30; Solidão; Vinicius de Moraes.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the theme of loneliness in a revisit to the Brazilian Geração de 30. Three poets from this phase of Modernism sing the theme not only in the poems presented here, but have it as a semantic field of their productions. We will analyze three compositions by Carlos Drummond de Andrade and, to compare them, a poem by Cecília Meireles and another by Vinicius de Moraes. As a theoretical basis, we use Melanie Klein from the perspective of her studies of psychoanalysis, plus other scholars in the field of psychology, such as Lima and Cardoso Andrade. As for the treatment of loneliness by literary scholars, we will use Amorim & Souza, Beth Brait, Marques and Costa Pinto.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade; Cecília Meireles; Geração de 30; Loneliness; Vinicius de Moraes.

*Que minha solidão me sirva de companhia.
que eu tenha a coragem de me enfrentar.
que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir
como se estivesse plena de tudo.*

Clarice Lispector. *Um sopro de vida*



INTRODUÇÃO

Dos poetas da Geração de 30 brasileira, um dos que mais se destaca, dada a sua contemporaneidade, é Carlos Drummond de Andrade (CDA). Acreditamos que alguns poucos poemas do vate devem bastar para que possamos desenvolver um tema tão antigo, clássico, recorrente, mas especial: a solidão. Numa análise literária, é importante que se verifique se um dado poema é exceção dentro do complexo de uma obra. Automaticamente eliminamos esta preocupação, pois ao escolhermos o tema, já selecionamos o que viria a ser uma constante e não uma exceção. A solidão a que nos referimos é vista por várias facetas na obra de Drummond, ora é a solidão do indivíduo como ente, ora é um indivíduo só num mundo tecnicista. Ela surge também como simples caso rotineiro, aquele que encontramos numa reportagem jornalística ou aquela tão própria do homem no seu dia a dia.

No nível da análise, estudaremos a linguagem, tal qual ela se manifesta no poeta como extensão do Modernismo. Na medida do possível, destacaremos a estrutura dos poemas, pois é evidente que a forma modernista se apresenta contestatória à forma clássica. As rimas, a métrica, o lirismo puro são abandonados para darem lugar à forma livre. Com relação à linguagem de Drummond em especial, é necessário verificar-se o que diz Beth Brait:

*o poeta moderno, jogado na grande cidade cosmopolita, percebe, com nitidez cada vez maior, os contornos ilusórios da antiga crença: a crença numa relação, plena de sentido, entre poeta (o 'eu' da poesia?) e realidade (objetiva ou subjetiva). Sua atenção se desloca, então, para os **modos possíveis** dessa relação, valorizando a **linguagem**, que a realiza. Com essa crise, entra também em crise o conceito de lirismo como 'expressão pessoal'. (Brait, s.d., p. 6–7, grifos da autora).*

Para confrontar o tema — a solidão — e o autor escolhidos, cremos que Cecília Meireles e Vinicius de Moraes, contemporâneos de Carlos Drummond e da Geração de 30, virão reforçar o estudo a que objetivamos. O nível de contextualização abrange aquilo que temos por visão do problema. Estamos cientes de que a solidão não é somente caso de análises em laboratórios, pois implica o sentimento do indivíduo como ser ontológico. Vemos a solidão como sentimento de nós mesmos, de uma sociedade onde o desejo de comunidade se faz cada vez mais necessário, mas que, apesar disso, parece que ainda não levou o homem a ser solidário com quem está só. Quando lemos os três poemas, percebemos que a temática principal não é a solidão. De forma muito reduzida, podemos dizer que CDA geralmente centra-se no quotidiano moderno e a ação desse sobre o indivíduo. Já Cecília Meireles, por exemplo, desenvolve uma preocupação mais com o desconcerto do mundo e, da mesma forma que Drummond, na forma como este interfere no “eu”. Vinicius de Moraes, pode-se dizer, que privilegiou e louvou o Amor como temática na sua obra poética.

Antes de analisarmos os poemas, gostaríamos de observar, em termos da ordem analítica e técnica, a opinião da destacada psicanalista Melanie Klein (1881–1960). Em artigo, a psicanalista austríaca tenta investigar a fonte do sentimento da solidão de forma didática. Considera neste estudo que não se refere àquela solidão de se estar privado da companhia externa, mas sim “ao sentimento íntimo de solidão — o sentimento de estar só independentemente de circunstâncias externas, de sentir-se solitário mesmo quando entre amigos ou recebendo amor” (Klein, 1971, p. 133). Esse estado derivaria de “ansiedades paranóides e depressivas provenientes das ansiedades psicóticas da criança.” Esse sentimento faria parte de qualquer indivíduo e se acirra na doença. (*ibidem*). Uma relação perfeita com a mãe implicaria contacto íntimo entre ela e a criança, num estágio pré-verbal e, aí sim, uma clarificação para a insatisfação que a solidão se impregna em nós; no futuro, “parece perdurar um anseio insatisfeito por uma compreensão sem palavras — fundamentalmente pela relação mais primitiva com a mãe. Semelhante anseio contribui para o sentimento de solidão e se origina da sensação depressiva de uma perda irreparável” (*idem*, p. 133–134). Klein comenta que uma questão relacionada diretamente à solidão é a da integração, uma tentativa de se fazer parte de uma coletividade. A estudiosa afirma que uma integração completa nunca é possível, pois “o completo entendimento e aceitação de nossas emoções, fantasias e ansiedades não é possível e isto perdura como fator



importante na solidão.” (*idem*, p. 137). Haveria ainda a considerar uma outra questão em relação à solidão e à integração: “a solidão pode originar-se da convicção de que não há pessoa ou grupo a que se pertença” (*ibidem*). E complementa:

*Por muito que a integração prossiga, ela não chega a eliminar a sensação de que certos componentes do eu não sejam utilizáveis, porque eles são expelidos e não podem ser recuperados. Algumas dessas partes expelidas [...] são projetadas sobre outras pessoas, contribuindo para a sensação de não se estar na plena posse de seu eu, de que não se pertence inteiramente a si nem, por conseguinte, a ninguém mais. Além disso, a sensação é de que as partes perdidas estão solitárias. (*idem*, p. 137–138).*

Num artigo sobre a solidão na contemporaneidade, Celana Cardoso Andrade comenta o paradoxo do contemporâneo: com a explosão demográfica, estamos mais próximos uns dos outros pelo menos fisicamente, mas tendemos a afastar-nos dos outros, parecendo sermos estranhos — no meio dessa multidão de seres, sentimo-nos cada vez mais isolados, apesar de que em grupos menores a solidão possa diminuir, mas nestes grupos o que deve ser observado é a qualidade das relações (Andrade, 2006, p. 85). Comenta a autora que esse evento proporcionou uma solidão infinita ao ser humano, agora incapaz de se ligar aos outros e estabelecer ligames. Parece que o homem se satisfaz com as benesses materiais oferecidas pela modernidade: “esta sociedade na qual fala o coletivismo, não é aquela comunidade nativa que envolve o homem e o abriga, protege e ampara, comunidade na qual o homem ainda viveu há alguns séculos e talvez há algumas gerações” (*idem*, p. 124). É assim que, instilado pela nostalgia, o homem está desprovido da presença do outro; a abundância das coisas materiais não satisfaz o homem, como ser humano, a sua sensibilidade só pode ser compartilhada consigo mesmo. Como vivemos numa sociedade individualista, a ninguém interessa a própria sensibilidade e sentimentos, os quais devemos nós mesmos “usufruir” e neles/com eles sobreviver. Encerrando, a psicóloga afirma que “surge então o ideal de aprender a viver só no meio da multidão, e o exercício da privacidade é entendido como a verdadeira liberdade” (*idem*, p. 88–89).

Para a psicóloga Julia Coutinho Costa Lima, o aparecimento do conceito e sentimento de solidão se dá quando se põde opor o “eu” à esfera coletiva. A solidão “tem uma raiz paralela ao conceito de eu, ao conceito moderno de indivíduo como um ser autônomo e diferente dos demais”, quando a “‘identidade-eu’ das pessoas passou a ser mais valorizada do que a ‘identidade-nós’” (Lima, online). As pessoas, no contexto da contemporaneidade, estão inseridas numa cultura individualista, centrando-se/concentrando-se nas suas privacidades, personalidades. Como não há investimento na vida pública, não há, por seu lado, éticas coletivas: “A desarticulação das vivências neste espaço público, espaço de iguais, parece criar, também, dificuldades na tessitura das auto-narrativas, uma vez que elas têm origem relacional e discursiva” (*idem*). O indivíduo sente-se em insatisfação permanente, praticamente dizendo “nada é o bastante para que eu possa sentir” (*idem*). A solidão alia-se ao narcisismo com “a perda dos referentes ao ‘outro’, ao ‘diferente’”, não havendo possibilidade de solidariedade social e o resultado é que “se cava um poço sem fundo de que a solidão angustiada vai fazer parte” (*idem*). Julia Lima, valendo-se de opinião do historiador Christopher Lasch¹, afirma que a individualidade mínima

¹ Em *A cultura do narcisismo, a vida americana em uma era de expectativas decrescentes* (s.l.), ed. Fósforo, 2023), numa análise clássica e visionária publicada originalmente em 1979, o historiador Christopher Lasch parte do conceito psicanalítico de narcisismo para destrinchar a relação entre indivíduo e sociedade, sintetizando o que rege os tempos contemporâneos. Segundo o diagnóstico de Lasch, os indivíduos perderam o vínculo entre si, seja ele o pertencimento à família tradicional seja a grupos políticos e movimentos sociais, para dedicar-se cada vez mais ao próprio bem-estar. Disponível em <https://www.fosforoeditora.com.br/catalogo/a-cultura-do-narcisismo-a-vida-americana-em-uma-era-de-expectativas-decrescentes/> Acesso em 23 abr., 2023.



não é somente o resultado de uma postura defensiva, mas também surge de uma transformação social mais ampla e profunda, a mudança de um mundo em que os objetos eram duráveis, mundo confiável, para uma era de imagens mutáveis que dificultam a distinção entre realidade e fantasia (idem).

E diz mais ainda: “os sujeitos contemporâneos parecem estar vivendo, cada vez mais, em redomas individuais, isolados, ‘gradeados’, enfim, solitários [...] Quando se traz à tona a questão solidão [...] para esses mesmos sujeitos poderia se perceber o quanto [...] procura-se uma saída para essa situação” (*idem*). A psicóloga, no entanto, em sua assertiva, encontra uma possível solução para a questão da solidão na contemporaneidade:

Assim, toda essa combinação poderia estar, também, potencializando um sentimento de solidão. Porém, neste momento já fica mais claro que para poder se afirmar que esses sujeitos vivenciam o não-reconhecimento e a fragmentação das bases de suas identidades psicológicas como solidão, seria preciso admitir uma premissa anterior, subjacente: de que o investimento num espaço coletivo e numa ética que privilegie o compromisso e a vida em comum sejam necessários. Isto é, a falta ou o desligamento dessa esfera “do outro” é que estaria incidindo na vivência da solidão como uma queixa, um problema (idem).

A solidão não tem sido tratada somente pela psicologia e psicanálise, é evidente. O tratamento do sentimento na literatura é também tema de estudos. Num artigo sobre um dos maiores poetas do Simbolismo português, António Nobre, pela evasão do sentimento da solidão em seus poemas, Carlos Amorim e Diego Souza comentam que a melancolia, solidão, loucura, incompatibilidade e outros sentimentos análogos que o artista ou qualquer pessoa experienciam “provocam a contemplação de paisagens exteriores/interiores, cuja potência se cultiva na solidão. Embora sejam compartilhados, na solidão tais sentimentos têm uma pregnância maior, pois no fundo quem os possui reconhece não haver par nesse mundo com quem possa compartilhá-los” (Amorim & Souza, 2020, p. 195). Os estudiosos apresentam as considerações de Rilke e de Blanchot sobre o tema. Valendo-se de uma análise das *Cartas de um jovem poeta*, vemos que a solidão parece inerente ao artista. Nas *Cartas*, “o sentido essencial do talento artístico, juntamente com a aprendizagem da alma, demonstra que, para o bardo alemão, a arte possui os seus eleitos; assim, o artista, cuja sensibilidade é superior aos demais, afasta-se da sociedade, para seguir a sua estrada” (IDEM, p. 198). Percebe-se então que essa estrada se compõe da solidão como pressuposto básico. Rilke havia escrito para o jovem poeta: “Por isso, caro senhor, ame a sua solidão e carregue com queixas harmoniosas a dor que ela lhe causa”, registrando esse pressuposto que vale não só para o estudo que fazem de António Nobre, mas principalmente vale para a alma de qualquer artista. O filósofo e crítico literário Blanchot, também numa visão reflexiva, diz que as lágrimas da saudade e da melancolia “na voz do sujeito lírico, comunicam um afastamento do mundo, uma interioridade dos versos, uma solidão essencial” (*ibidem*). Amorim e Souza consideram que a solidão faz parte da escritura artística e que o artista a maneja com maestria e nesta escuta criadora vicejam os elementos vitais da arte literária. Ao “distanciar-se”, o escritor dinamiza a sua relação com o mundo, exteriorizando-a como mecanismo de criação (*idem*, p. 201). Todo o sentimento de saudade, tristeza, solidão, tédio, ausência, dor, “possui a abundância da vida, tem uma causa exterior” (*idem*, p. 208); esses estados de alma tão evidenciados na obra artística mostram a incapacidade de pertencer ao mundo objetivo. “Essa capacidade de sentir a vida, apesar de todas as suas agruras, causa ao sujeito lírico um sentimento de *spleen* e inadaptação, que o leva a desejar a morte, a reconhecer o outro lado, além das fronteiras existenciais” (*ibidem*).



DRUMMOND E OS POEMAS DA SOLIDÃO

Vistos alguns estudos sobre a temática da solidão, a proposta agora é observar como três poetas representativos da Geração de 30 trabalharam o mote. Começamos com o poema “Consolo na praia” de Carlos Drummond de Andrade, incluído no livro *A rosa do povo*.

*Vamos, não chores.
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.*

*O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.*

*Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis carro, navio, terra.
Mas tens um cão.*

*Algumas palavras duras,
em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o humour?*

*A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.*

*Tudo somado, devias
precipitar-te, de vez, nas águas.
Estás nu na areia, no vento...
Dorme, meu filho.*

O poema está basicamente estruturado em verbos de ação que indicam o passado em confronto com a realidade atual. Na vida passada, destacam-se os versos: “a infância está perdida”, “a mocidade está perdida”, “o primeiro amor passou”, “o segundo amor passou”, “o terceiro amor passou”, “perdeste o melhor amigo”, “não tentaste qualquer viagem”; na vida presente, apresentam-se os versos: “mas a vida não se perdeu”, “mas o coração continua”, “não possuis casa, navio ou terra/ mas tens um cão.” Neste confronto entre dois tempos, o “eu” lírico remete-se a factos que são imutáveis tanto no passado quanto no presente ou mesmo no futuro, quais sejam “algumas palavras duras nunca cicatrizam”, ou ainda “a injustiça não se resolve”. O afunilamento se dá na última estrofe, em que os verbos estão todos no presente, indicando a soma de todo aquele passado, tendo por resultado o presente: “Tudo somado,/ devias precipitar, de vez nas águas/ Estás nu na areia, no vento.../ Dorme, meu filho”. Todas as estrofes, com exceção da última fecham com um incentivo que o sujeito poético que, com orações adversativas, consola — título do poema — aquele que está só; percebemos que é um monólogo em que o sujeito lírico conversa consigo mesmo: “Mas a vida



não se perdeu/ mas o coração continua/ mas tens um cão/ Mas, e o humour?/ Mas virão outros”. Apesar de ser um poema extremamente lírico, é fácil extrair dele elementos indicativos de tempo. Usando muitos verbos no pretérito perfeito e versos como “A infância está perdida / A mocidade está perdida”, o poeta apresenta um tempo definido, ou seja, um transcorrer da infância até a velhice. De somenos importância, o espaço se apresenta:

- a) “não possuis carro, navio, terra”, o que indica uma pessoa desconsolada, desagregada de elementos que fazem parte da vida material;
- b) “à sombra do mundo errado/ murmurastes um protesto tímido”, isto indica que, desconsolado, tentou corrigir o que estava errado, entretanto, apenas como protesto tímido;
- c) “Tudo somado, devias/ precipitar-te, de vez, nas águas”. A última solução seria fugir disso tudo através do suicídio;
- d) “Estás nu na areia, no vento...”, este verso, cremos, é a chave do poema juntamente com o último. Para enfatizar o espaço aliamos este verso com o título indicativo de que o poeta está na praia.

Quanto à forma, são versos livres, dispostos em estrofes de quatro versos, sem rimas e sem métrica. Quanto à linguagem, o que se destaca é um recurso frequente de Drummond: a reiteração. Isso dentro deste poema, entendemos pela ênfase obsessiva do “eu” lírico em expressar o seu estado interior. A reiteração reforça-se pelas figuras que o “eu” lírico usa definindo esse estado interior: “Mas o coração continua”, os sentimentos no sentido metafórico do coração; “Algumas palavras duras”, ou seja, palavras duras estão no lugar de verdades (perífrase); “Tudo somado, devias/ precipitar-te, de vez, nas águas”, além da catáfora, o poeta usa o eufemismo para não dizer matar-se; “estás nu na areia, no vento...” — o verso indica duas possibilidades de interpretação viáveis entre si. A primeira, *o estar nu*, indica solidão; a segunda, indica que, ao refletir, o poeta está despido da pressão do mundo sobre ele; no verso “Dorme, meu filho”, a importância não está em ser eufemismo ou metáfora, mas o valor semântico está no verbo “dormir”, que é morrer.

Nas primeira, segunda e terceira estrofes, o poeta evidencia bem que para um passado há sempre esperança. Porém, nas quarta e quinta estrofes, são factos do próprio quotidiano que cercam o indivíduo no mundo. Na última estrofe, o poeta sugere o suicídio porque o mundo não muda e não se acaba. E o único meio de mudá-lo é livrar-se dele. Quando o poeta diz “precipitar-te, de vez, nas águas”, sugere que todo o mal se acabaria caso ele se atirasse ao mar, cuja palavra indica profundidade, obscuridade e correnteza.

Como dissemos, os versos-chave são: “Estás nu — na areia — no vento.../ Dorme, meu filho.” O último verso é a prova insofismável de que o resultado de toda a vida do sujeito poético termina com a solidão. Nele conta passagens ligadas à vida pessoal, que estão intimamente também aliadas ao seu presente e que pouco se alteraram ao longo dos anos. O tempo passa, as coisas mudam muito pouco, reage, então, frente a um mundo errado, em sua concepção, já que este fere os seus ideais mais belos. Exprime, assim, a ironia já madura e cansada da luta. O último verso interpretamos como sendo uma conversa do poeta consigo mesmo; tanto é que a primeira estrofe começa por um imperativo “Vamos, não chores” e termina igualmente com um imperativo “Dorme, meu filho.” Concluímos que, estando só na praia, o sujeito poético analisa-se a si mesmo e também ao próprio mundo. Deduz que o resultado do viver foi a solidão em que se encontra e que a única solução é a morte. Lemos acima que a psicóloga Celana Cardoso Andrade relata que, hodiernamente, estamos mais juntos dos outros. No entanto, a nossa tendência é a de nos afastarmos no meio de uma multidão, configurando um isolamento da pessoa, logo encontramos-nos em solidão, que, no caso do poeta analisado, mortifica o “eu” poético. Cardoso Andrade, como anteriormente visto, considera que esse isolamento “proporcionou uma solidão infinita ao ser humano, agora incapaz de se ligar aos outros e estabelecer ligames”. De certa forma, é o que retrata o “eu” lírico do poema de Drummond



“A BRUXA”, DE ANTOLOGIA POÉTICA

Também o que se destaca em “A bruxa” é a divisão observável entre realidade exterior e realidade interior.

REALIDADE EXTERIOR

Nesta cidade do Rio,

De 2 milhões de habitantes

Um ruído anunciou

vida ao meu lado

não é vida humana

desses calados, distantes/

que/ leem verso de Horácio...

influem/ na vida, no amor, na carne

(mulher) que entrasse nesse minuto/

recebesse este carinho/ salvasse

do aniquilamento

Quantas mulheres provavelmente

interrogam-se no espelho

Essa presença agitada

querendo romper a noite

não é simplesmente a

bruxa

X

Estarei mesmo sozinho?

Sinto a bruxa presa na

Zona de luz

Como procurar amigo

minuto e um carinho
loucos que tenho para
oferecer

Porém a esta hora vazia

Como descobrir mulher?

estou cercado de olhos,
de mãos, afeto, procuras.

o que há é apenas a
noite e uma espantosa
solidão

Companheiros, escutai-me!

é antes a confiança
exalando-se de um homem.

REALIDADE INTERIOR

estou sozinho no quarto/
América

Estou só, não tenho amigo

Precisava de mulher

Tenho tanta palavra meiga, conheço
Vozes de bicho, sei os beijos mais
Violentos, viajei, briguei, aprendi

Mas se tento comunicar-me



O desmembramento feito dessa forma visou à apresentação da seguinte realidade que se extrai do poema: o personagem é um ser que se questiona ante a realidade externa que o contamina, levando-o à solidão. O argumento para essa assertiva é o próprio esquema, que assim se dispõe: há uma realidade externa, mas não é a que busca. Há uma realidade interior que é o sentimento do sujeito lírico. Entre esta dicotomia há a interrogação deste sujeito, que se encontra só por não existir a realidade que ele almeja.

O poema é lírico, contudo, é situacional. É um ser em questionamento numa cidade grande, neste caso, o Rio de Janeiro. Mais do que isso, é uma pessoa só no seu quarto, na sua grande cidade, em todo um continente. O tempo apresenta-se pelas formas verbais predominantemente no presente e por citações relacionadas no tempo adverbial, quais sejam, “hora tardia, neste minuto, amanhã, apenas a noite”.

Como composição própria do modernismo, os versos são livres e brancos. A primeira estrofe é o exórdio, mas também a síntese de todo o poema com apenas quatro versos. Como num crescendo, as estrofes vão se estendendo provando como a realidade exterior contamina a realidade interior. O verso “E sinto a bruxa/ presa na Zona de luz” é uma metáfora para o sentimento de solidão inerente à própria vida; outra metáfora é: “Porém a essa hora vazia” que tem o significado de solidão. Além das metáforas, o sujeito poético vale-se da perífrase em “Estou só [...] a essa hora tardia [...]”; “Estou cercado de olhos, mãos, afetos, procura”, hipérbole e enumeração. A palavra-chave do poema é ao mesmo tempo uma metáfora: bruxa, que está no lugar de solidão.

Este poema é, assim, representativo da temática “solidão”. O sentimento ora é exposto claramente ora metaforicamente, como nos versos “Estou sozinho no quarto/ América”; “Estarei mesmo sozinho?”; “Estou só não tenho amigo”; “Precisava de mulher”; “Espantosa solidão”. Neste poema, o poeta identifica vários tipos de solidão: da cidade grande (Rio de Janeiro), da noite (hora tardia), estar-se só num quarto, de pessoa carente em receber e dar. Todas essas diversas solidões são passíveis de ser sanadas. Porém, a solidão da bruxa, a que se refere o poeta, é impossível de ser combatida, pois ela é mais poderosa do que o nosso espírito pode suportar. Somos fracos diante desse monstro que se apossa de nós e, quando tomamos consciência dele, sofreremos mais ainda porque percebemos que somente nos resta a confidência solitária, de um homem só, falando de sua própria solidão.

“a bruxa. É antes a confidência exalando-se de um homem.”

Num artigo na *Revista do CESP*, Reinaldo Marques analisa a modernidade em poetas mineiros, CDA inclusive, para mostrar “Minas melancólica”. Diz o articulista que a melancolia é uma metáfora para esclarecer a relação

do poeta com o mundo moderno e com o lugar problemático que lhe cabe no espaço da modernidade. Particularmente quando se trata de uma modernidade tardia, que parece se realizar de forma truncada e inacabada em espaços periféricos, como reflexo de um projeto de modernidade centrado, traçado nas metrópoles colonizadoras (Marques, 2002, p. 14).

De certa forma, Marques resume o que se mostrou na análise de “A bruxa” — a melancolia aliada à solidão, ambas matizadas pela modernidade, pelo homem perdido na cidade grande.

POEMA “E AGORA, JOSÉ?” INCLUÍDO NO LIVRO *POESIAS, DE 1941*

Existem três níveis estruturais ressaltam-se neste poema antológico que ajudam à sua compreensão: Realidade exterior x Realidade de José; Fatos comuns x fatos incomuns; tempos verbais. Tentaremos analisá-los como o fizemos com o poema anterior, “A bruxa”.

REALIDADE EXTERNA	X	REALIDADE DE JOSÉ
festa acabou		sem nome
luz apagou		zomba dos outros



povo sumiu		faz versos
noite esfriou		ama, protesta
	E agora, José?	
noite esfriou		está sem mulher
dia não veio		sem discurso
bonde não veio		não pode beber, fumar, cuspir
tudo acabou		
fugiu, mofou		
	E agora, José?	
biblioteca, lavra de		doce palavra
ouro, terno de vidro		instante de febre
		guia e jejum
		incoerência, ódio

Percebe-se que para José a realidade exterior já não existe mais. Primeiramente, porque os verbos indicativos da realidade exterior estão no pretérito, enquanto os verbos indicativos da realidade de José são ora estáticos, ora de impossibilidade. Tudo isso nos permite deduzir que para José toda a realidade exterior acabou, pois ele está morto. O poeta fecha as estrofes sempre com o refrão “E agora, José?” porque estando José morto ser-lhe-ia impossível tanto se questionar quanto participar da realidade externa.

Os factos comuns são aqueles do quotidiano que preenchem a realidade exterior, como visto anteriormente. Os factos incomuns estão no nível conotativo, pois são factos impossíveis: não existirem portas, mares secarem, não haver Minas. Tudo isso vem corroborar a afirmação de que José não pertence mais à realidade existente.

FATOS COMUNS	X	FATOS INCOMUNS
o bonde não veio		o dia não veio
tem a chave na mão		não existe porta
quer morrer no mar		o mar secou
quer ir para Minas		Minas não há mais

TEMPOS VERBAIS. Percebemos no poema que há três níveis primordiais de tempos verbais. Todos os verbos de ação, bem como os de possibilidade de ação, estão no passado. Os verbos de estado estão no presente; e como terceiro nível, os verbos de ação estão no presente na última estrofe. Com esses elementos, temos argumentos bastantes para concluir que: se os verbos de ação e de possibilidade de ação estão no passado é porque José está morto. Os verbos de estado indicam solidão, pois estando morto José não tem mulher, discurso, carinho, protesto etc. Os verbos de ação da última estrofe estariam no presente porque indicam que o personagem já não pode mais ser agente.

Todas as estrofes são de versos livres, versos brancos e sem métrica, como característica de uma composição modernista. Também neste poema, a reiteração drummondiana é constante. Além dela, estão presentes as seguintes figuras de retórica:

- “Festa acabou”, metáfora para não haver mais vida;
- “Luz apagou”, metáfora para a chegada da morte;
- “O dia não veio”, metáfora para enfatizar a ideia de morte: a impossibilidade de vida;
- “Gula e jejum”, antítese;
- “Terno de vidro”, metáfora com os seguintes significados que por si só são antíteses: o vidro tanto indica fragilidade (afabilidade de José), como transparência (acessibilidade). Estes dois aspectos são os lados positivos contrapostos pelos negativos: dureza (sua inacessibilidade), frieza (seu isolamento);



- “Sozinho no escuro qual bicho no mato”, comparação;
- Uma questão, porém, emerge. No nível das possibilidades, o poeta cita: “Se você morresse.../ mas você não morre/ você é duro, José!”

Afirmamos que o personagem está morto e agora o poeta lança a impossibilidade de José morrer. A resposta para esta contradição está em que todo esse trecho é extremamente conotativo. Na realidade, o ser humano deixa sua marca, ele é um ser histórico, quando atuante como era José.

Como a maioria dos poemas de Carlos Drummond, que fala da morte, este também vem aliado à ideia de solidão. A solidão a que o poeta se refere é aquela do corpo que, desalienado da alma, não é mais que um objeto entre outros que vivem. A solidão da morte é inevitável, pois é antes um questionamento constante do ser humano, o saber da vida pós-morte. A impossibilidade das realidades de José e o exterior asseveram estes argumentos.

“E agora, José?” é representativo da atuação do poeta e cronista Carlos Drummond de Andrade, que, nas palavras de Beth Brait teria sido o “introdutor da vida diária, do mero ato de viver, na linguagem poética [...] falando às pessoas como se estivesse sentado com elas numa beira de calçada” (Brait, (s.d.), p. 185)². Isto é constatado no poema de Drummond pelo linguajar usado: o do cotidiano. O poeta

consegue transformar o mundo em linguagem. Seus poemas [...] questionam o momento presente, a existência e a própria linguagem como instrumento capaz de traduzir e transmitir as experiências individuais e coletivas (ibidem, p. 185)³.

Na seleção para seu *A literatura brasileira através dos textos*, Massaud Moisés escolheu poemas de Drummond que “atravessam duas linhas de força capitais” (Moisés, 1984, p. 417) e que, de certa forma, caracterizam a obra drummondiana: “de um lado, o cotidiano ou/e o humor nele implícito; de outro, a visão dum transcendental, para além da superfície opaca da realidade diária” (*ibidem*, p. 417).

Analisada a parte estrutural do poema, mostrando os pontos relevantes do modo composicional de Drummond, é necessário verificar por que a solidão — talvez não o ponto essencial de “José” — está muito paralelamente ligada ao poema, o que se percebe nos factos facilmente deduzíveis e concretos e nas entrelinhas. O poema é também, como vimos no comentário da psicóloga Celana Cardoso Andrade, parte daquilo que define como “o paradoxo do contemporâneo”. José declara-se integrante dessa contemporaneidade, mas é solitário. Tende a se afastar dos outros, daí que, aparentemente, apesar de estar próximo a grupos menores, a solidão não diminui, devido à fraca qualidade das relações.

² Talvez não seja procedente o uso do termo “introdutor”, considerando haver vários outros poetas que já se valeram do cotidiano nas suas poesias. Manuel da Costa Pinto, na apresentação do livro *Sentimento do mundo*, Coleção Folha, Grandes Escritores Brasileiros, comenta que o universo de Drummond é “território literário sulcado pela ironia e pela perplexidade metafísica, dividido entre o tom prosaico (que aproxima a poesia dos problemas do homem comum, da ‘vida presente’) e a impossibilidade da expressão (demarcando o abismo interior de cada um)”. (Andrade, 2008, s. p.).

³ Quanto à linguagem que Drummond utiliza em seus poemas, em oposição a um estilo classicizante, Vera Lúcia Bastazin, da PUC/SP, em depoimento a Vera Helena Rossi, assim define o estilo corriqueiro próprio da geração modernista: “O papel do poeta é esse que fez o Drummond. Ele desestabilizou a ideia que se tem de que fazer poesia é trabalhar de forma mais refinada com a linguagem mais sofisticada, usar termos não usuais do dia a dia. Inovou dentro do simples, do banal, daquilo que é ordinário. Desestruturou a língua, e inovou em relação ao sistema social”. (Rossi, 2007, p. 48).



CECÍLIA MEIRELES, VINICIUS DE MORAIS E SEUS POEMAS DA SOLIDÃO

Dando sequência às análises de poemas da temática abordada neste artigo, vejamos como Meireles e Moraes desenvolvem a questão. Ambos da Geração de 30, como CDA, a poeta e o poeta são conhecidos pelo lirismo que impregnam seus textos, tanto na poesia como na prosa.

“DESPEDIDA” — CECÍLIA MEIRELES

*Por mim, e por vós, e por mais aquilo
que está onde as outras coisas nunca estão,
deixo o mar bravo e o céu tranquilo:
quero solidão.*

*Meu caminho é sem marcos nem paisagens.
E como o conheces? — me perguntarão.
— Por não ter palavras, por não ter imagens.
Nenhum inimigo e nenhum irmão.*

*Que procuras? — Tudo. Que desejas? — Nada.
Viajo sozinha com o meu coração.
Não ando perdida, mas desencontrada.
Levo o meu rumo na minha mão.*

*A memória voou da minha frente.
Voou meu amor, minha imaginação...
Talvez eu morra antes do horizonte.
Memória, amor e o resto onde estarão?*

*Deixo aqui meu corpo, entre o sol e a terra.
(Beijo-te, corpo meu, todo desilusão!
Estandarte triste de uma estranha guerra...)
Quero solidão.⁴ (In: Flor de poemas)*

Passemos a ver como Cecília Meireles trata do tema da solidão em “Despedida”. Neste poema a poeta mantém quase que uma ordenação (cinco estrofes de cinco versos cada), a leitura, e mesmo a forma (sem métrica), se apresenta sem rimas. Entretanto, é facilmente perceptível que o eu lírico — quase desaparecido no Modernismo — tem profunda importância. Visto que a forma — versos livres — é ponto comum nos poemas dos dois poetas, faz-se necessário verificar se o tema escolhido é preocupação também da poeta em análise. Relativamente a Cecília Meireles, poderíamos afirmar que a solidão foi um tema que sempre a acompanhou, tanto na vida poética como na vida particular, sobre a qual não referiremos. Porém eis uma sua declaração que vem comprovar a asserção: “Mas a

⁴ Em *Obra poética*, aparece um poema de Cecília Meireles que tem o mesmo título deste em análise “Despedida”. O que é interessante: em ambos a temática é a solidão. POR MIM, e por vós, e por mais aquilo/ que está onde as. outras coisas nunca estão,/ deixo o mar bravo e o céu tranquilo: —/ quero solidão. // Meu caminho é sem marcos nem paisagens. / E como o conheces? — me perguntarão./ — Por não ter palavras, por não ter imagens./ Nenhum inimigo e nenhum irmão.// Que procuras? Tudo. Que desejas? — Nada./ Viajo sozinha com o meu coração./ Não ando perdida, mas desencontrada./ Levo o meu rumo na minha mão.// A memória voou da 'minha frente./ Voou meu amor, minha imaginação .../ Talvez eu morra antes do horizonte./ Memória, amor e o resto onde estarão? (Meireles, 1983, p. 207).



minha solidão não é uma disponibilidade. É uma consequência natural do meu trabalho, e o seu clima indispensável” (Meireles, 1972, p. 45).

Neste poema, os verbos de permanência (estar, querer, ter etc.) prevalecem sobre os de ação. Já estes têm significado de partida (procurar, viajar, andar, levar, voar). O único de ação que não indica partida é o verbo beijar, que se identifica com o título: “Despedida” (“Beijo-te, corpo meu...”). Outros dados que nos remetem diretamente ao tema são:

1. “Céu tranquilo” — que nos lembra paz íntima, privacidade, observação e sentimento de uma só pessoa;
2. “Quero solidão”, “Viajo sozinha” — prova inconteste de quem deseja ficar só;
3. “Meu caminho é sem marcos nem paisagens” — é o caminho vago, sem obstáculos, desimpedido, que nos remete à ideia do caminho da morte, fim de um corpo, logo de um indivíduo;
4. “Por não ter palavras, por não ter imagens” — é o caminho de uma solidão indefinida;
5. “Que desejas? Nada” — o advérbio nos indica negação e vazio;
6. “Não ando perdida, mas desenhada” — logo, encontra-se só;
7. “corpo meu, todo desilusão!” — desprendimento do material com o espiritual, abandono do corpo para livramento da alma.

Dois temas são facilmente identificados no poema. Um superposto ao outro e que é preponderante: a morte. Mas para que ela possa ser concebida, a solidão é o ponto de partida, é o agente móvel — se este paradoxo é permitido — para o desligamento da vida. É a procura de alguém só, que quer livrar-se do corpo e com a plenitude da alma, atingir a solidão. A solidão da morte, como o poema nos revela, leva à felicidade do espírito: “Beijo-te, corpo meu, todo desilusão! Estandarte triste de uma estranha guerra”. O querer a solidão não é mais do que isso.

Cecília Meireles acrescenta ao tema solidão um subtema que é a morte. Na verdade, se nos atermos aos textos aqui levados à mostra, a morte está, de certa forma, ligada à solidão — aquela do homem moderno ante a imensidão dessa modernidade, e o homem como retrato de seu inconsciente coletivo. Assim como comentamos no poema de CDA “Consolo na praia”, a solidão está intimamente ligada à morte. Também em CDA, como aqui em Cecília Meireles, está presente a tendência de nos afastarmos da multidão, encontrando a solidão, o que no caso do poeta analisado mortifica o eu poético.

“SONETO DE LONDRES” — VINICIUS DE MORAIS

Londres, 1939

*Que angústia estar sozinho na tristeza
E na prece! que angústia estar sozinho
Imensamente, na inocência! Acesa
A noite, em brancas trevas o caminho*

*Da vida, e a solidão do burburinho
Unindo as almas frias à beleza
Da neve vã; oh, tristemente assim
O sonho, neve pela natureza!*

Irremediável, muito irremediável



*Tanto como essa torre medieval
Cruel, pura, insensível, inefável*

*Torre; que angústia estar sozinho! ó alma
Que ideal perfume, que fatal
Torpor te despetala a flor do céu? (Poesias avulsas, online)*

Mesmo no contexto do modernismo, Vinicius de Moraes dedicou grande parte de sua criação poética ao soneto. A estrutura mais significativa do “Soneto de Londres” é a contraposição entre verbos de estado e os de ação.

VERBOS DE ESTADO

X

VERBOS DE AÇÃO

Estar sozinho

acesa a noite
Burburinho unindo as almas/
Que fatal torpor te despetala
A flor do céu

O “eu” lírico, estando sozinho, observa a natureza em movimento. O que é importante ressaltar é que há dois factos que acontecem simultaneamente: alguém sozinho analisando a transmutação da natureza.

É um soneto com características modernistas, com algumas fugas estruturais à poesia tradicional. A forma é clássica, a métrica, decassílabo, porém as rimas apresentam-se somente em algumas estrofes. O esquema rimático da primeira estrofe é abab; nesta mesma estrofe há uma rima intercalada: angústia/inocência. Observem-se as rimas ricas em tristeza/acesa e sozinho/caminho. Há algumas figuras retóricas importantes: acesa a noite, brancas trevas, solidão dos burburinhos, todos paradoxos; o caminho da vida, perífrase.

É facilmente perceptível o tipo de solidão cantada pelo sujeito poético; é a solidão de quem, distante, observa o que é comum em qualquer ponto do planeta: a mutabilidade da natureza. É a solidão de quem se desliga momentaneamente da realidade exterior: essas transformações da natureza ferem-no.

Mas o tema da solidão não se expressa somente nos seus poemas; no livro *Para viver um grande amor*, Vinicius de Moraes escreve um texto sobre a solidão, intitulado justamente “Da solidão”. Começa aludindo à solidão da morte, imaginando as dores por que passariam aqueles que escreveram sobre a perda da amada; cita Poe e a criação de “O corvo”, Orfeu e seu desejo de arrancar Eurídice à morte, Dante e a morte de Beatriz, além de outras solidões que levam ao fim. Depois de analisar essas solidões, Vinicius declara que a maior delas é a solidão “do ser que não ama” (Morais, 2008, p. 194). Este sente a solidão por não participar da vida humana.

A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, e que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro. O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e de ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece tudo em torno (ibidem).

Para o poeta, quem não ama recusa-se a participar do coletivo, e com esse seu privilégio “semeia pedras do alto da sua fria e desolada torre” (ibidem). A metáfora semear pedras da torre, fria e desolada, é um retrato perfeito da solidão. Vemos, em Vinicius, que o eu lírico contempla a paisagem exterior, cuja potência se cultiva na solidão, conforme visto nos comentários de Carlos Amorim e Diego Souza. Essa solidão apontada pelo sujeito poético do “Soneto de Londres” revela a sua solidão pela falta de amor, o que comunga com todos aqueles que sofrem do mesmo mal.



CONCLUSÃO

“Ler é um dos grandes prazeres da solidão”, escreve o crítico Harold Bloom (1930–2019), no livro *Como e por que ler* (apud Baptista Netto, online). E continua, na tradução de José Roberto O’Shea: “Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria, ou à de nossos amigos, presentes ou futuros” (*ibidem*, online). A citação de Baptista Netto vai ao encontro daquilo a que nos propusemos ao analisarmos poemas da temática da solidão. A solidão é inerente ao ser humano desde que o primeiro dele se propôs a viver em comunidade. O ser humano é solitário por natureza. Os poetas analisados neste estudo puseram em relevo a solidão, tal qual ela se lhes apresenta. Ela é interpretada em suas várias facetas. Mas, as que predominam são a solidão do homem na cidade grande e uma solidão indefinida. Estas duas facetas são hoje em dia as mais aflitivas. A solidão do homem que se fecha em si mesmo é quase biológica, pois é impossível que um ser tenha a mesma intensidade de sentimentos que o outro. Em outras palavras, por exemplo, quando dizemos que amamos, nosso interlocutor não captará a extensão deste nosso sentimento. Cada um é uma realidade única, individualizada. Por outro lado, somos seres racionais que vivem em sociedade. Isto já deveria atenuar a solidão. Sabemos, entretanto, que isto não é verdade. Mesmo estando aparentemente “cercado de olhos, de mãos, afetos, procuras”, se o indivíduo não recebe solidariedade comunitária estará só no meio de muitos. Estará ainda mais só se não for solidário com a comunidade, pois esta tem a sua origem no indivíduo.

É assim que, seguindo nossa proposta de fazer um breve estudo da solidão em poemas de poetas da Geração de 30, pudemos observar que o sentimento da solidão advém não apenas do homem em confronto com a modernidade, mas também advém daquilo que é inerente ao ser humano. Melanie Klein, como pudemos verificar, trabalha esta última questão e representa o sentimento ligado à nossa psicologia; outros estudiosos contemplados neste trabalho analisam a solidão ligada à modernidade, ao advento das grandes cidades, onde viveram Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes.

REFERÊNCIAS

- Amorim, M. C., & Sousa, D. P. (2020). António Nobre: entre a Solidão Essencial e a Solidão Povoada. *Revista Letras Raras*, 9(3), 192–214.
- Andrade, C. D. (1979). *Antologia poética* (13.ª ed.). J. Olympio.
- Andrade, C. D. (1980). *Reunião: 10 livros de poesia* (10.ª ed.). J. Olympio.
- Antologia poética* (13.ª ed.). (1979). J. Olympio.
- Baptista Netto, I. (2023). Literatura age como um antídoto contra a solidão. *Plural*. Disponível em <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/literatura-age-como-um-antidoto-contr-a-solidao/>
- Brait, B., et al. (s.d.). Carlos Drummond de Andrade: um poeta em sintonia com seu tempo. In *Encontro com a linguagem*. Atual, Ed. Ltda, 3.
- Cardoso Andrade, C. (2006). A solidão na contemporaneidade. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 12(1), 83–91.
- Klein, M. (1971). Sobre o sentimento de solidão. In *O sentimento de solidão: Nosso mundo adulto e outros ensaios*. Imago Ed.
- Lima, J. C. Costa. (2001). Solidão e contemporaneidade no contexto das classes trabalhadoras. *Psicol. cienc. prof.*, 21(4). Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qFMrVkG8pXQx4Bx3LvJJpPP/?lang=pt>
- Marques, R. (2002). Minas melancólica: poesia, ação, modernidade. *Revista do CESP*, 22(31), 13–25.
- Meireles, C. (1972). *Flor de poemas*. Nova Fronteira. (Coleção Poiesis).



Meireles, C. (1983). *Obra poética*. Nova Aguilar.

Moisés, M. (1984). *A Literatura brasileira através dos textos*. Cultrix.

Morais, V. (2008). *Para viver um grande amor: Crônicas e poemas*. MEDIAfashion. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, 9).

Morais, V. (1939). *Soneto de Londres*. Vinicius de Moraes. <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/soneto-de-londres>

Pinto, M. da C. (2008). Introdução. In *Sentimento do mundo* (1.ª ed.). MEDIAfashion. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, 4).

Rossi, V. H. (2007). A exuberância da simplicidade. In *Revista Língua Portuguesa*, 2(23), 48–50.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.





**A PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA PUBLICADA NO PERIÓDICO CAMETAENSE
OITOCENTISTA *O JASMIM* — ANÁLISE DE DOIS TEXTOS
*PORTUGUESE PROSE FICTION IN THE NINETEENTH-CENTURY CAMETAENSE
PERIODICAL O JASMIM—ANALYSIS OF TWO TEXTS***

[10.29073/naus.v4i2.827](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.827)

RECEÇÃO: 27 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 18 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A 1: Maria Lima , Universidade Federal do Pará, Brasil, marialuiza@ufpa.br.

AUTOR/A 3: Maria Tavares , Universidade Federal do Pará, Brasil, lucilena@ufpa.br.

RESUMO

Com o florescimento das publicações dos jornais, o público brasileiro demonstrou um grande interesse no acesso à informação por meio dos periódicos, tanto como fonte de informação quanto de entretenimento, e pôde se deleitar especialmente com as publicações dos folhetins, um fenômeno literário advindo da Europa, principalmente da França. As publicações de periódicos na Província do Grão-Pará mostraram-se bastante prolíficas durante o século XIX e se estenderam até o seu interior, mais especificamente na cidade de Cametá. Levando isso em consideração, o objetivo desse trabalho foi recuperar a prosa de ficção portuguesa publicada no periódico *O Jasmim* no século XIX, haja vista que a referida cidade era considerada um centro difusor de cultura da província do Grão-Pará, uma vez que, no período da Cabanagem, ela chegou a ser, embora por pouco tempo, a capital da província. Ao ter acesso a tais publicações, constatou-se a importância da imprensa na cidade, o que demonstra o caráter da cidade de Cametá enquanto difusora da cultura letrada no interior paraense.

PALAVRAS-CHAVE: Cametá-PA; Jornais; Prosa de Ficção Portuguesa; Século XIX.

ABSTRACT

With the flourishing of newspaper publishing, the Brazilian public showed great interest in accessing information through periodicals, both as a source of information and entertainment, and they were especially delighted with the publications of pamphlets, a literary phenomenon originating in Europe, especially France. The publication of periodicals in the province of Grão-Pará proved to be quite prolific during the 19th century and extended into its interior, more specifically in the city of Cametá. This study aimed to recover the Portuguese prose fiction published in the periodical *O Jasmim* in the 19th century, given that this city was considered a center for the diffusion of culture in the province of Grão-Pará, since during the Cabanagem period, it became the capital of the province, albeit for a short time. Having access to these publications showed the importance of the press in the city, which demonstrates the character of the city of Cametá as a diffuser of literate culture in the interior of Pará.

KEYWORDS: 19th Century; Cametá-PA; Newspapers; Portuguese Prose Fiction.



1. INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo, o século XIX trouxe progresso social e cultural. As cidades passaram por avanços tecnológicos e populacionais e na cidade de Cametá, interior do Pará, não foi diferente. Seu comércio se desenvolvia sobremaneira e a maior parte da população tinha contato com as novas ideias que circulavam na província.

A pesquisa nos periódicos demonstraram que a vida literária e social cametaense era diversa. As notícias documentam os clubes, sociedades artísticas e gabinetes literários que os jovens frequentavam para se atualizar a respeito do teatro, dança e literatura na cidade. Foi por meio dessas organizações que floresceram os ideais políticos e literários dos jovens da cidade que se reuniam para debater e se inteirar das novidades.

Fundada em 24 de dezembro de 1635, Cametá é uma das cidades mais antigas do estado do Pará, hoje com 382 anos. São várias as menções à cidade nos jornais publicados na Província do Grão-Pará. Um número tão grande nos permite averiguar sua importância em um contexto regional e também nacional, como será visto nesta seção. Desta maneira, o objetivo desse trabalho foi recuperar e analisar a prosa de ficção de origem portuguesa veiculada por meio dos periódicos cametaenses no século XIX enquanto forma de expressão cultural nessa região.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Durante o século XIX foi efervescente o movimento da imprensa no Brasil, com significativa circulação de periódicos nas principais cidades do país. Além do Rio de Janeiro, capital da Corte naquele momento, na província do Grão-Pará, o movimento cultural foi intenso e as manifestações em jornais e revistas foram presentes em todo território.

Segundo Maria Lucilena Gonzaga Costa (2008, p. 10), “o nascimento da imprensa no Pará se deu, concomitantemente, à chegada de ideias liberais advindas da Europa por meio de estudantes paraenses que de lá retornaram com a bagagem cheia de ideais revolucionários”, entre esses jovens estava Felipe Patroni (1794–1866), que acabou por fundar o primeiro jornal do estado, *O Paraense*, em 1822.

Após a Independência do Brasil, uma grande fonte de interesse foi a presença dos folhetins nos jornais. Esse gênero literário foi uma importante ferramenta de atualização cultural em nosso país, pois, segundo Marlyse Meyer: “Deste caótico passeio em busca do folhetinzão europeu no Brasil fica a certeza de ter ele deixado marcas indeléveis, e não só nos construtores do romance nacional.” (1996, p. 313). O folhetim era inicialmente o espaço destinado a diversos assuntos e à crítica literária no rodapé dos jornais. Segundo Meyer, em sua origem, ele era:

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõe charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos — o esboço do Caderno B, em suma. E numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestre e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas. (Meyer, 1996, p. 57–58).

Assim, os editores e escritores contavam com grande liberdade para inserirem novos gêneros no espaço *Folhetim*. Assim, com a inserção do folhetim nos periódicos criou-se um sucesso literário, possibilitando que a prosa de ficção pudesse fazer parte da vida diária do público leitor da época, que tinha o interesse em comprar e ler a prosa publicada nos jornais, consoante afirma Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007, p. 22): “Neste sentido, a prosa de ficção surgiu, assim, como uma demanda do público leitor de periódico, cujo controle era impossível de restringir ou estabelecer *a priori*, uma vez que ia se conformando a partir das expectativas da época”.

O público dos folhetins era vasto e advindo de variadas classes sociais. As pessoas se identificavam com os personagens e com as histórias narradas e, segundo Mikhail Bakhtin (1998, p. 421): “pode-se participar dessas aventuras e se auto identificar com os seus personagens, tais romances quase servem de substitutos da nossa vida



particular”. Assim sendo, os leitores acompanhavam a publicação de prosa de ficção com grande interesse, o que permitiu grande desenvolvimento desse gênero nos periódicos e alavancou as vendas de jornais. Meyer (1996), a respeito do surgimento do gênero nas terras brasileiras, afirma que:

Uma nota de rodapé do Jornal do Comércio de 31 de outubro de 1838 chama a atenção dos leitores para o acontecimento do dia: a publicação do primeiro capítulo da “linda novela”, O Capitão Paulo, novela de Alexandre Dumas, traduzida por J. C. Muzzi. A publicação se estende de 31 de outubro a 27 de novembro. Está aberto o rodapé ao feuilleton-roman, que começa a jorrar descontinuamente a partir de 1839, que é também o ano em que o jornal acolhe as chamadas primeiras manifestações da ficção em prosa brasileira, com os textos de Pereira da Silva, J.J. da Rocha, Paula Brito e outros. A invasão maciça do folhetim traduzido do francês, que vai estender-se por anos a fio, nem por isso elimina o calouro romance nacional: ambos vão coexistindo em regime de alternância. (Meyer, 1996, p. 32).

Tanto sucesso devia-se ao fato de o acesso ao jornal ser facilitado e barato e o interesse por parte dos leitores fazia com que mais obras fossem publicadas, criando-se assim, segundo Germana Maria Araújo Sales, “uma cumplicidade com o leitor, por meio do uso da fórmula do “continua amanhã...” (2014, p. 44). O folhetim tornou-se, nessa época, o principal sustentáculo das vendas de periódicos, pois os autores utilizavam de técnicas para manter o suspense até o último minuto. Assim sendo, se não houvesse a possibilidade de publicação no referido suporte, muitos autores hoje não seriam conhecidos e divulgados. Izenete Garcia Nobre enfatiza essa ideia:

Dessa forma, se editores, livreiros, instituições políticas, imprensa ou mesmo esferas sociais não estivessem envolvidas, apenas o brilhantismo do autor e a beleza de seu texto não encantariam os corações e olhos dos leitores dos mais diversos setores sociais. A invenção de Gutenberg foi, nesse sentido, o suporte para a difusão de ideias, de informações e de modas nos muitos espaços do mundo onde se estabeleceu como um suporte mercadológico. (Nobre, 2009, p.14).

Ao se unirem, esses setores facilitaram a divulgação e alcance das obras por meio dos folhetins, assim como aumentou muito o número e a diversidade de autores e nacionalidades que circulavam no país. Na Província do Grão-Pará, esse fenômeno não foi diferente, o que pode ser exemplificado pelo grande número de jornais que eram publicados em Belém e no interior. Em Cametá, tão distante da capital, isso fica bastante explícito ao se observar o interesse do público leitor, basta ver o escopo de publicações locais, além do expressivo número de crônicas, contos e folhetins veiculados, perfazendo mais de 50 títulos de prosa de ficção veiculados.

Apesar da distância geográfica entre Cametá e a capital da Província, Belém, a forte presença da imprensa e o grande número de publicações na cidade permite afirmar que o interior paraense, em particular, a região mencionada, valorizava a cultura letrada e não se mantinha à margem do que estava acontecendo no restante do país em matéria literária. As informações mencionadas e analisadas nos capítulos anteriores permitem corroborar a fala de Barbosa (2007) de que:

Outro importante aspecto da circulação da cultura letrada que os jornais revelam com bastante propriedade diz respeito à integração entre as províncias e a circulação de livros e periódicos. Esta e as outras pesquisas em jornais têm desmentido a concepção corrente, segunda a qual as províncias viviam culturalmente isoladas e, no máximo, mantinham contato com a Corte, ou a capital da República. Ao contrário, os jornais e periódicos revelam que havia um movimento intenso entre as províncias, o que incluía a troca de jornais, o recebimento de livros, a crítica literária, tudo isso apresentado em notas que, por si só, já constituem fonte de documentos e de pesquisas para uma história da leitura no Brasil que não se limita às fontes bibliográficas tradicionais (Barbosa, 2007, p. 83–84).



Foi essa integração entre a Província do Grão-Pará e o interior que possibilitou que a imprensa chegasse a Cametá. Nos jornais da cidade encontramos diversas publicações de autores brasileiros e estrangeiros. Tendo em vista o que foi categorizado durante a pesquisa, ao observar os exemplos de prosa de ficção publicadas nos jornais de cametaenses, selecionamos dois exemplos de prosa de ficção que serão analisados a seguir: *O Poder de um Retrato*, de autoria desconhecida, e *A Monja*, de Soror Amélia.

3. DISCUSSÃO

Durante a pesquisa nos periódicos cametaenses localizamos no jornal *O Jasmim* a prosa de ficção intitulada *O Poder de um Retrato* — Romance Original, publicada em cinco capítulos, a partir do dia 26 de janeiro de 1875. O primeiro capítulo, *Amor de Mãe*, inicia mostrando uma casa comum da cidade de Lisboa. Encostada à janela que tinha vista para um palácio está uma jovem de pouco mais de dezoito anos, “formosa como uma virgem de Rafael, alva como o mais fino mármore” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3). Interessante notar aqui a descrição da moça, bela e com a tez clara, chegando a ser comparada com uma pintura. Ao observar uma das pinturas de Rafael, célebre artista do Renascimento italiano, podemos vislumbrar como eram os padrões de beleza da época, em que a mulher era muitas vezes idealizada e inatingível.

A personagem do romance, chamada Leonor, contemplava um rapaz, Álvaro, um estudante de Medicina, que parecia insensível a seu carinho. Seu rosto “era nobre e simpático, mas parecia que um profundo combate se desenvolvia em seu peito, e dava ao seu caráter um aspecto melancólico.” (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Entre eles havia um berço, com uma criança de treze meses, filho do casal. Álvaro nesse momento afirma que deseja levar o filho embora:

— *Leonor, vós para mim sois a mesma bela ... encantadora: consagro-vos o mesmo amor; mas hoje venho pedir-vos um sacrifício; eu o exijo por força, ou por vontade. Eu quero levar meu filho!... Não julgueis que pretendo tratar contra a sua existência...não: ela me é bastante cara; quero tê-lo em minha companhia e nada mais.* (*O Jasmim*, n. 101, 26/01/1875, p. 3)

Em seu desespero, Leonor tenta argumentar com Álvaro, entretanto ele termina o relacionamento entregando uma bolsa de dinheiro a ela e leva o bebê embora. O segundo capítulo se passa dezoito anos depois, nas salas do palácio do Conde de Rosendal, nobre fidalgo francês, onde tem lugar uma reunião com figuras da nobreza de Portugal, dentre eles, Vasco da Gama e Gil Vicente.

Personagem imortal da Literatura, Gil Vicente, nascido no ano de 1465, é considerado o pai do teatro português, tendo sido o responsável por modificar esse gênero no país. A ele são creditadas 44 peças, entre as mais famosas: o *Auto da Visitação*, encenado perante a rainha D. Maria; o *Auto da Barca do Inferno*, o *Auto da Barca do Purgatório* e o *Auto da Barca da Glória*.

Vasco da Gama foi um importante navegador português do período das Grandes Navegações, nascido em 1469. Foi quem comandou a frota que chegou às Índias, possibilitando que a Coroa e a burguesia portuguesa obtivessem lucros expressivos, quebrando o monopólio de cidades como Gênova e Veneza. Confirmamos que são, de fato, as figuras históricas pelo diálogo que se passa entre os cavalheiros presentes:

— *Então, Gil Vicente, quando teremos na corte alguma representação dos teus autos?*

— *Não sei, por ora, quando poderei satisfazer esse desejo do nosso rei D. Manoel.*

— *E vós, D. Vasco da Gama, não ides descobrir novas terras, e ganhar mais uma coroa para vossa cabeça, e um brasão para nosso Portugal?*



— Não, D. Rodrigo, há já dois anos que saí de Lisboa, e apenas oito dias que cheguei à minha pátria. É necessário descansar um pouco. Essa empresa, que o finado rei d. João II legou a meu pai, deu-me seu filho; empreguei todos os recursos para bem a desempenhar; a favor de Deus; e a ciência dos homens levaram ao cabo os meus projetos; lutei com todas as adversidades: via morrer os meus marinheiros, as tempestades próximas a fazer-nos engolir pelas ondas, os raios prestes a fazer-nos vítimas, os mouros sempre armando-me ciladas e traições, e... mas não desanimei; acabei a tarefa de que me tinha encarregado, e entrei em Lisboa, trazendo apenas cinquenta e cinco homens de cento e quarenta e oito com que dela havia saído. (O Jasmim, n. 103, 16/02/1875, p. 3).

Como vemos, há aqui uma preocupação em fornecer uma contextualização histórica de dois personagens significativos da história de Portugal, assim como o período áureo das navegações ultramarinas. Sendo um país pioneiro nas navegações, foi a partir do século XV que os portugueses obtiveram grande sucesso nos empreendimentos marítimos que buscavam recursos minerais, vegetais e outras riquezas. Entre os resultados provenientes de tais incursões está o descobrimento do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, em 1500.

Maria de Rosendal, também presente nessa reunião, era a filha do dono da casa, bela moça, bem-vestida, considerada uma deusa da formosura pelo narrador, era admirada de perto por Pedro, a quem retribuía um sorriso, indicativo de que havia um romance entre eles. O que é confirmado pela fala de Pedro, na continuação do capítulo na edição seguinte do jornal:

Deixar-vos eu, Maria? Eu, que tanto vos amo? Que desejaria estar sempre junto a vós?... na minha viagem era o vosso retrato que me animava nos perigos; invocava vosso nome, e parecia que as vagas se curvavam respeitadas. — Que mistério não tinha esse nome, pronunciado ante o Céu e a imensidão dos mares — ante Deus, e o elemento que furioso se debatia contra a frágil embarcação. — Mas como era possível morrer, se tinha um anjo que velava por mim, e pedia ao Soberano do mundo proteção para o seu terno amante! (O Jasmim, n. 104 25/02/1875, p. 1)

A resposta de Maria exprime um dado importante: a data que seu amado partiu em viagem com Vasco da Gama, 7 de junho de 1497, o que o inclui na histórica expedição que descobriu as Índias:

Tinha a data da vossa partida bem gravada na memória: foi a 7 de junho de 1497 o dia em que me disseste o último adeus: passaram-se dois anos, e nem uma notícia vossa, quando a 10 de julho deste ano entrou em Cascais a nau de Nicolau Coelho; mas aquela em que haveis partido não vinha: que me importava se achassem novas terras, se eu perdia aquele que amava? — Avaliei as angústias de meu coração, e os tormentos que padei até ao dia 29 do mês passado, que vi entrar uma nau: um pressentimento lisonjeiro me avisou que éreis vós: orei à Virgem, e lhe dei graças de mo haver restaurado a minha ventura, o meu querido Pedro (O Jasmim, n. 104, 25/02/1875, p. 1–2).

A alegria pela volta de Pedro era intensificada pelo fato das duas famílias aprovarem a relação e o casamento já estar sendo tratado por seus pais. A edição seguinte do jornal *O Jasmim* exhibe a sequência do romance, com o capítulo intitulado *A mãe e o filho*. Um mês havia se passado desde a festa, e na casa do conde Álvaro, pai de Pedro, os preparativos para o casamento de Maria e Pedro estavam sendo feitos. Durante um passeio pelo sítio da Alfama, em direção a seu palácio, o jovem Pedro avista um casebre que indicava pobreza e miséria, onde se encontra uma senhora muito humilde. Como vemos, há aqui um indício de que a narrativa seria de autoria portuguesa, pois o autor parece ser alguém que tinha conhecimento muito extenso e aprofundado sobre os cenários portugueses, uma vez que cita um dos bairros mais famosos de Lisboa, capital portuguesa. Ao parar para conversar com a mulher, Pedro pede que ela conte a origem de sua desgraça, que narra:



— São passados vinte anos. Eu era jovem nessa idade em que o amor é o único pensamento, houve um homem por quem senti uma violenta paixão. [...] Dessa união tivemos um filho; era os meus encantos, era junto a ele que passava parte de meus dias, a contemplá-lo quando dormia o seu sono de inocente. [...] Uma noite, noite fatal, o meu amante me disse que pretendia seu filho, roguei-lhe, pedi-lhe de joelhos que mo deixasse, que não mo roubasse minha única consolação; mas ele foi surdo a meus rogos, e levou meu filho para sempre! (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 1–2).

O jovem pede então para que a senhora fale o nome do homem que levou seu filho embora, ela respondeu que seu nome era Álvaro. A senhora possuía também um retrato do homem, e ao mostrá-lo a Pedro, esse reconhece seu pai. Emocionado, o moço promete levar sua mãe daquele lugar em breve e volta para seu palácio.

A última parte, *A Reparação*, mostra o confronto de Pedro com seu pai, em busca de respostas após a conversa com sua mãe. Ele começa por contar toda a história que ouviu mais cedo. No coração de Álvaro voltavam todas as memórias da época em que era jovem e havia amado aquela mulher. Ele então pede para ver Leonor, e afirma que o que havia motivado a separação tinha sido a grandeza de seu nome e as convenções sociais. O conde pede o perdão de Leonor, que o aceita, uma vez que ainda o amava. No dia seguinte, Pedro e Maria estão prontos para o seu casamento, quando Álvaro e Leonor aparecem elegantemente vestidos para o seu próprio enlace. O último parágrafo da obra é uma fala do conde:

— Senhores: tenho a honra que anunciar-vos dois casamentos: o de Pedro com a linda Maria de Rosendal; e o meu com a mãe de meu filho; com a jovem a quem muito amei, a quem seduzi, e a quem infamemente abandonei. Sei que ainda me adora, e devo, se bem que tarde, reparar a minha falta. Sei que desejais conhecer a vítima dos caprichos de minha juventude; porém não vo-la apresentarei como tal, mas sim como aquela a quem ofereço o meu nome, e a minha mão; como a esposa que vai ser minha. A que vedes a meu lado é a condessa D. Leonor (*O Jasmim*, n. 105, 04/03/1875, p. 3).

O romance termina com essa tentativa de reparação do passado por parte do Conde Álvaro, ao fazer da mulher, a quem uma vez abandonou e a quem tomou o filho, sua esposa e condessa. Após a análise dessa narrativa, percebemos que ela é essencialmente romântica, uma vez que retrata as reviravoltas que Álvaro e Leonor passam para poder realizarem seu enlace amoroso.

Ademais, há na obra a questão do casamento por conveniência, que dita os valores morais, pois Álvaro se recusa a prosseguir sua relação com Leonor, dado que ele é um fidalgo e ela uma moça humilde, reiterando o quanto era importante para a sociedade portuguesa a valorização do nome familiar. Além disso, encontramos na narrativa uma figura feminina, Leonor, que deve se sujeitar às vontades masculinas, questão que era bastante comum na sociedade patriarcal em que a obra está inserida.

4. A MONJA DE SOROR AMÉLIA

No século XIX, a escrita feita por mulheres, para mulheres ou com personagens femininas estava em seu auge e foram fundamentais para a propagação do romance enquanto gênero literário, assim, segundo Sandra Guardini Vasconcelos (2007, p. 124), “trazendo-as para primeiro plano e pondo-as no centro da cena, o novo gênero literário, assim como grande parte da produção intelectual do período, demonstrou interesse sem precedentes pela figura da mulher, por sua natureza e posição.”

Mesmo experimentando essa valorização da mulher, seu papel na sociedade da época era bastante restrito, pois tinham que se submeter aos desejos do pai e do marido, serem castas, femininas, submissas e fazerem de seus lares retiros de paz e serenidade. Às mulheres era relegada a tarefa de cuidar da casa e dos filhos, o que fazia com que usassem seu tempo ocioso com a leitura de romances, que também serviam para veicular os ideais que a sociedade pregava como valorosos:



Naturalmente, os romances também participaram deste movimento cultural. A maior parte deles, na Inglaterra do século XVIII, foi escrita para instruir pelo exemplo, promover a virtude e punir o vício por meio de uma história divertida. O senso de propósito moral e o zelo didático dos romancistas exprimiam uma moralidade burguesa que clamava por expressão. Para eles, o romance funcionava como um instrumento pedagógico que visava reformar os homens, os costumes e as maneiras. O romance teve, dessa forma, papel central na construção do gênero (gender), articulando e propagando a ideologia da domesticidade, que confinava as mulheres à esfera privada, ao passo que ratificava a noção do homem como um ser público. Mais ainda, o novo gênero (genre) contribuiu para naturalizar esse novo conceito de feminilidade, como se houvesse uma essência feminina — biologicamente inferior, socialmente subordinada e portadora de qualidades naturais que a tornavam mais afeita ao mundo da casa (Vasconcelos, 2007, p. 132).

Apesar desse controle masculino, perpetuado em parte pelos romances, como visto acima, as vozes de algumas escritoras começaram a surgir, também como uma tentativa de levar as mulheres a questionarem seu papel na sociedade e a repensarem sua subordinação aos homens, por meio da criação de personagens questionadoras, inteligentes e fortes, o que Vasconcelos (2007) reforça:

Apesar dos constrangimentos sociais, algumas dessas romancistas assumiram a responsabilidade de defender a mulher e seu direito à leitura séria, a interesses mais amplos e ocupações intelectuais como parte também da esfera feminina. Desafiando convenções predominantes, suas vozes se levantaram para protestar contra a subordinação feminina, contra os horizontes estreitos e a falta de oportunidades. Como escritoras profissionais, o que por si só já era um desafio aos tradicionais papéis destinados à mulher, era natural que essas romancistas se postassem contra as restrições que limitavam a vida das mulheres (Vasconcelos, 2007, p. 138).

Conscientes de seu papel na transformação de valores adquiridos e impostos às mulheres, as romancistas usaram de suas penas para iniciar um movimento que visava trazer um pouco mais de liberdade e autonomia à vida das mulheres. Por esse motivo, acreditamos ser importante analisar uma narrativa com perspectiva feminina veiculada no jornal cametaense *O Jasmim*. Apesar do texto não ter sua autoria reconhecida no referido periódico, segundo a publicação do *Jornal das Famílias*, periódico fluminense, em fevereiro de 1865, o mesmo foi escrito por Soror¹ Amélia.

Publicada na coluna *Variedades* na primeira página do dia 22 de setembro de 1875, na edição 124 do jornal, essa narrativa é apenas um fragmento do original. Com um tom melancólico, a narradora, falando em primeira pessoa, afirma ser bela e jovem e encontrar-se enclausurada em um convento, a mando de sua família:

Sou moça: diz-me o espelho que sou bela, e bela me chamam as minhas companheiras de infortúnio.

Sou moça e bela!!! E na primavera da vida, e no viço da beleza, e ao desabrochar do coração, cinge-me o corpo o burel de monja e condenam-me a passar a existência entre as paredes solitárias do claustro! (O Jasmim, n. 124, 22/09/1875, p. 1).

Inconformada por ter sido trancafiada contra sua vontade no claustro, a narradora se sente muito solitária, em meio às orações e penitências que é obrigada a fazer e aos cilícios que tem de usar. No auge de seu vigor físico, o único consolo que a religiosa tem é durante os momentos em que sua mente entra em estado de devaneio:

E quanta vez, quando as negras fileiras das montanhas entoam cânticos harmoniosos, que de envolta com incenso, se elevam ao céu; quanta vez assistindo aos mais augustos mistérios da religião e prostradas nas

¹ Segundo o Dicionário Online de Português Soror, ou Sórór, é o tratamento dado às freiras, sendo o correspondente a frei.



frias lajes do santuário, não se ausenta o meu espirito e não percorre os espaços desse mundo desconhecido, que entrevejo apenas e de onde tão desumanamente me arrancaram!... (O Jasmim, n.124, 22/00/1875, p.1).

Não estando satisfeita com sua situação, a jovem almeja a vida de pessoas que são livres, como, por exemplo, os camponeses que não são obrigados a ficarem dentro das paredes do claustro, como ela: “Como invejo a vida do camponês que passa o dia ao sol ardente do estio e volta à noite à choupana em que pela manhã deixará a meiga companheira de sua vida” (O Jasmim, n. 124, 22/00/1875, p.1).

Para ela, qualquer condição seria melhor do que a de monja, palavra essa que é repetida dez vezes, a maioria delas seguida de um ponto de exclamação, ao longo da pequena narrativa, no que poderia ser uma tentativa de aceitação de sua realidade atual. A moça era ainda criança quando foi entregue aos cuidados das freiras, em uma cena que é descrita assim:

Eu era bem criança, a doudejar nos campos, a aquecer-me aos raios de sol, e a colher as flores perfumadas que pendiam das pétalas... Era ainda bem criança e descuidosa gozava a vida, como a rosa do prado ao orvalho da manhã.

E um dia disseram-me: Deves ser monja... e trouxeram-me para aqui; os gonzos gemeram pesados... a porta fechou-se... despiram-me as roupas alvas de criança... vestiram-me as roupas negras de monja... proferiram não sei que palavras... murmuraram não sei que rezas...fizeram-me cair ao chão as louras tranças de meus cabelos. O órgão ressoou melancólico pelas abóbadas do templo alumado... o pontífice pediu para mim a benção do céu... senti o apertar convulsivo de minha mãe que soluçava... e depois disseram-me:

És monja! (O Jasmim, n. 124, 22/00/1875, p.2).

A descrição desse momento é tocante e leva o leitor a imaginar a angústia que a narradora passou ao ter sua infância interrompida para tornar-se monja. Indignada com a falta de controle sobre sua própria existência, ela faz um questionamento importante: “Monja! E quem lhe deu o direito de me sepultarem na vida! E quem lhes deu o direito de me arrancarem ao mundo, de me sufocarem o grito do coração?! (O Jasmim, n.124, 22/00/1875, p.2).

A resposta para essas inquietações é de que seu coração não foi sufocado e todos os sentimentos ainda habitam seu peito, apesar da solidão e das lágrimas que ela enfrenta entre as paredes do convento. Apesar disso, aparentemente para ela a única solução seria se conformar com sua vida, como visto no fim da narrativa:

Mas sou monja!... E o coração que se cale e as lágrimas que sequem, e o lábios que resmunguem preces!... Mas quem me tirará o desalento e o desespero, quem me serenará a tempestade da alma, quem restituirá a calma e a tranquilidade?

Como sois felizes, vós que viveis ao ar livre, ao sol de Deus, em meio das flores perfumadas do prado, sem que as altas muralhas do claustro vos embarcem os passos! (O Jasmim, n. 124, 22/00/1875, p.2).

O relato termina dessa forma, e só podemos imaginar qual foi o destino dessa jovem, que representa tantas outras mulheres que eram relegadas por suas famílias a irem contra suas vontades para conventos, onde a maioria acabava por viver infeliz e solitária. Essa era uma característica da sociedade da época, em que o pai, quando a moça era solteira, ou o marido, quando casada, podia decidir o futuro das mulheres de sua família como melhor lhe conviesse. Os principais motivos que faziam com que as famílias enviassem suas filhas para os conventos eram o grande *status* social que representava ter um religioso na família e a questão econômica que envolvia o dote que os pais da moça deveriam destinar a seu futuro marido, se ela entrasse para o convento esse pagamento não seria necessário.



5. CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho, acreditamos ter sido possível demonstrar que estudar a história da Imprensa no interior da Província do Grão-Pará faz-se cada vez mais importante, pois a cidade de Cametá encontrava-se em consonância com o resto do país, quanto às publicações nos periódicos. Durante o século XIX houve um grande fluxo de vapores provenientes da Europa com todo tipo de mercadorias e, principalmente, com jornais e livros, a população buscava cada vez mais novas fontes de informação e entretenimento. Assim, havia no Brasil as condições perfeitas para que a leitura literária pudesse alcançar patamares nunca antes vistos.

Observamos que as condições na cidade de Cametá eram propícias para a circulação da prosa de ficção e demais gêneros literários, uma vez que havia os produtores literários dispostos a publicarem nos jornais e um o público capaz de ler e entender a linguagem dessas obras. Desse modo, a imprensa na época era uma grande facilitadora da circulação da cultura letrada. Assim, foi possível resgatar, sob um novo olhar, um pouco da importância histórica, geográfica e cultural da cidade de Cametá para o Pará e o Brasil, o que pode servir de fonte de pesquisa às pessoas interessadas nessa temática e rememorar um passado que se torna presente a quem ler esse trabalho.

Outro fato considerado relevante foi constatar a publicação de uma narrativa com perspectiva feminina, em uma época que a mulher começava a buscar uma saída da sua condição de submissão em relação às figuras masculinas que ainda dominavam suas vidas, o que coloca a cidade de Cametá em uma posição de vanguarda da imprensa periódica da época uma vez que leva os leitores, tanto as mulheres quanto os homens, a questionarem a perpetuação de atitudes de subserviência em relação à mulher, como fica claro *A Monja*, de Soror Amélia. Ademais recuperar exemplos de prosa de ficção com temática lusófona, como *O Poder de um Retrato*, ratifica a proposição de que a referida cidade se mantinha atualizada e capacitada para acompanhar as tendências que percorriam a Corte e mesmo a Europa.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (1998). *Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance*. Hucitec.
- Barbosa, S.F.P. (2007). *Jornal e Literatura: a Imprensa Brasileira no Século XIX*. Nova Prova.
- Costa, M.L.G. (2008). *Gazeta Oficial: Periódico Noticioso Literário do Século XIX*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará).
- Meyer, M. (1996). *Folhetim: uma história*. Companhia das Letras.
- Nobre, I. (2009). *Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará).
- Sales, G.M.A. (2014). *Rastros da Memória Cultural no Período Oitocentista*. In S.F.P. Barbosa (Ed.), *Livros e Periódicos nos Séculos XVIII e XIX*. UFPB.
- Vasconcelos, S. G. T. (2007). *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Aderaldo e Rothschild: Fapesp.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.





ETTY HILLESUM: FORÇA INTERIOR E AMOR TRANSBORDANTE BASEADOS EM PRINCÍPIOS ÉTICOS

ETTY HILLESUM: INNER STRENGTH AND OVERFLOWING LOVE BASED ON ETHICAL PRINCIPLES

[10.29073/naus.v4i2.803](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.803)

RECEÇÃO: 22 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 12 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Maria de Oliveira , PPGLI-UEPB/GIELLUS, Brasil, maria.almeida.professora@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo pretende discutir como a ética se mostra presente na escrita do diário de Etty Hillesum. Ela, mulher judia não-praticante, no contexto da Segunda Guerra Mundial, percebe-se parte do povo judeu subjugado e, a partir de então, revela em seu diário um pensamento ético voltado para o coletivo de seu grupo, além de sua relação com a figura de Jesus Cristo. Baseando-se em alguns apontamentos teóricos em torno do assunto, com autores como Deleuze (1993), Ferrière (2014) e Russ (1999), percebemos um crescente no que diz respeito à noção de ética no diário de Etty Hillesum, escrito no início da década de 1940. Dessa forma, analisamos trechos do diário, de modo a destacar posicionamentos que revelem a busca por esse significado de vida em comunhão com os outros. Assim, mesmo num cenário histórico em que a morte parecia ser o único fim, Etty buscou significado para sua existência, traduzindo em palavras seu constante anseio por dignidade e paz para todos. Certamente, para se obter esse nível de consciência, foi necessária uma grande força interior capaz de sustentá-la em meio às angústias que ficam nítidas em seus diários, cujo testemunho revela sua entrega a Deus e a seu povo, ressaltando inclusive sua contribuição para a humanidade como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: Diário; Ética; Força Interior.

ABSTRACT

This article aims to discuss how ethics is present in the writing of Etty Hillesum's diary. She, a non-practicing Jewish woman, in the context of the Second World War, perceives herself as part of the subjugated Jewish people and, from then on, reveals in her diary an ethical thought aimed at the collective of her group, in addition to her relationship with the figure of Jesus Christ. Based on some theoretical notes on the subject, with authors such as Deleuze (1993), Ferrière (2014) and Russ (1999), we perceive a growing notion of ethics in the diary of Etty Hillesum, written in the early 1940s. In this way, we analyzed excerpts from the diary, in order to highlight positions that reveal the search for this meaning of life in communion with others. Thus, even in a historical setting in which death seemed to be the only end, Etty sought meaning for her existence, translating into words her constant yearning for dignity and peace for all. Certainly, in order to obtain this level of consciousness, it was necessary to have a great inner strength capable of sustaining it in the midst of the anguish that is clear in her diaries, whose testimony reveals her dedication to God and to her people, even emphasizing her contribution to humanity as a whole.

KEYWORDS: Diary; Ethics; Inner Strength.



INTRODUÇÃO

Segundo Jacqueline Russ (1999, p. 8), a ética, apesar da confusão existente em comparação à moral, diverge desta “por desconstruir as regras de conduta que formam a moral, os juízos de bem e de mal que se reúnem no seio desta última”. Dessa forma, de acordo com seu pensamento, a ética “desfaz suas estruturas [das regras de conduta] e desmonta sua edificação, para se esforçar em descer até os fundamentos ocultos da obrigação” (Russ, 1999, p. 8). Portanto, ao se falar em ética, deve-se pensar nas bases de uma ou mais morais, de modo que, a partir dela, examine-se, reflita-se, atue-se, modificando ou preservando os juízos e prescrições das situações nas quais se insere uma moral. A essência da ética é, logo, questionadora.

A ética é um elemento constituinte na essência de uma figura importante do século XX, Etty Hillesum (1914–1943), que, em seus escritos — diários e cartas —, pôde expor seus questionamentos acerca do mundo em que viveu, sobretudo em relação às morais vigentes, que faziam emergir situações de morte e de dor para seres humanos inocentes. Era o contexto de Guerra, a Segunda Mundial, o qual imprimiu marcas indeléveis na História da humanidade. Dessa forma, estando inserida de maneira evidente nesse episódio horrendo — Etty era judia —, a jovem externou sua repulsa ao ódio e ao rancor em oposição à contemplação do amor transbordante, como aquele descrito por Paulo em uma de suas cartas aos Coríntios, um amor paciente, sem interesse, justo, respeitoso (Bíblia Pastoral, 1 Coríntios, 13). Segundo ela, a paz só poderia se instalar devidamente na terra se esse amor-caridade se concretizasse.

Assim, tendo como base o diário de Etty Hillesum e alguns apontamentos teóricos em torno do assunto, objetivamos discutir como a ética se mostra presente na escrita analisada. Em meio à análise, traçaremos posicionamentos acerca da vivência de Etty e sua presença no mundo como agente da paz pelo amor ao próximo. A princípio, exporemos uma breve biografia de Etty, para que possamos compreender dados essenciais de sua vida, os quais são determinantes para seus gestos diários.

ETTY HILLESUM: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Antes de discutirmos os princípios éticos presentes nos escritos de Etty Hillesum¹, é importante conhecermos um pouco dessa mulher única, de história marcante e atrativa, embora em muitos pontos de grande sofrimento. De nome Esther Hillesum, Etty nasceu no dia 15 de janeiro de 1914 em Middelburg (Países Baixos). Veio de uma família judia não praticante. Seu pai, Louis Hillesum, foi professor de línguas antigas e, em seguida, diretor de liceu. Sua mãe, Rebecca Bernstein (Riva), uma imigrada da Rússia. Etty tinha dois irmãos mais novos: Jacob (Jaap), que se tornaria médico, e Michaël (Mischa), pianista talentoso, portador de esquizofrenia.

Etty inicia seus estudos de Direito em 1932, em Amsterdã. Ao mesmo tempo, estuda o russo, língua de sua mãe. Posteriormente, dá aulas desse idioma a alguns estudantes interessados. Cinco anos depois, ainda estudante, Etty muda-se para a casa de Han Wegerif, com quem estabelece um relacionamento conjugal.

Nesse período, já há indícios da eclosão da Segunda Guerra Mundial, que afetará a vida de Etty de alguma forma — no início, parece algo distante de si, porém depois, ao começar a observar as interdições ao povo judeu, muda sua percepção em torno do conflito.

Paralelamente a isso, Etty vive um conflito interior de causa afetiva, de autoestima e de autoconhecimento. Assim, para ajudá-la num processo terapêutico, conhece o psiquirólogo Julius Spier, nascido em 1887 na Alemanha e que, por ser judeu, teve que fugir de seu país para Amsterdã a fim de se salvar no contexto da Guerra. A primeira consulta

¹ As informações acerca da biografia de Etty Hillesum foram retiradas do livro: Ferrière, P., & Meeûs-Michiels, I. (2014). *15 dias de oração com Etty Hillesum*. (P. F. Valério, Trad.). Paulinas.



de Etty com Julius ocorreu em fevereiro de 1941 e foi a partir desse contato que a vida dela começa a se modificar, tanto pelo incentivo de Julius para que ela escreva, quanto pela história de amor surgida e vivenciada por eles. O relacionamento entre os dois dura até a morte de Spier, ocorrida em setembro de 1942.

Um pouco antes disso, em julho de 1942, Etty se candidata ao Conselho Judaico por incentivo de seu irmão Jaap. Em seguida, pede transferência para o campo de trânsito em Westerbork². Lá intercalará períodos de trabalho e retornos a Amsterdã, devido a um esgotamento crônico.

Os cadernos de Etty (Diários), foco de nosso trabalho, começam com descrições do dia a dia dela, como as consultas com Spier ou passeios realizados. Entretanto, ao longo de sua escrita, percebemos uma tensão interna relacionada aos acontecimentos externos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, além de sua busca pela presença da figura de Deus em sua vida. É nesse processo que percebemos a inserção de princípios éticos que norteiam o pensamento da escritora, ainda em fase de autoconhecimento.

A última data do diário de Etty Hillesum é 13 de outubro de 1942. Ela faleceu em novembro de 1943, em Auschwitz. Sua família também perde a vida. Entre essas duas datas, seus escritos estão presentes em cartas que ela escrevia de dentro do campo de trânsito para pessoas amigas e de sua confiança. Etty morreu, contudo seus escritos serão eternos, desde que sejam lidos, conhecidos e valorizados em toda sua grandiosidade.

PROCESSOS DE ENCONTRO CONSIGO MESMA MEDIADOS PELO ATO DE ESCREVER

Escrever, para Etty Hillesum, não era uma tarefa fácil. Embora fosse uma leitora assídua de textos tanto literários quanto não-literários — o poeta austríaco Rainer Maria Rilke foi seu maior objeto de leitura —, quando se via perante o processo de escritura, Etty sentia-se incapaz de transpor para o papel o seu interior repleto de emoções em tons variados. Em seu primeiro registro do diário, evidencia-se, pois, suas incertezas quanto ao ato de escrever:

Então vamos lá! Este é um momento doloroso e quase intransponível para mim: confiar meu coração inibido a um tolo pedaço de papel pautado. Os pensamentos às vezes são tão claros e vívidos na minha mente, e os sentimentos tão profundos, mas ordená-los por escrito ainda é difícil. Acima de tudo pela vergonha, creio. Sinto uma grande inibição, não me atrevo a revelar as coisas, deixar que jorrem livremente de mim, e no entanto é preciso, se eu quiser dar à minha vida, a longo prazo, um propósito digno e satisfatório. (Hillesum, 2019, p. 17)

Ora, é importante destacar que a escrita do diário de Etty Hillesum foi uma terapia indicada por Julius Spier como instrumento para a cura interior da jovem judia. Portanto, o fortalecimento interior de Etty vai sendo percebido ao longo de seus diários. Desse modo, “aquele sentimento de vergonha que caracteriza as primeiras páginas dos seus cadernos transforma-se, gradualmente, num elevado sentimento de dignidade e de profunda serenidade” (Michaeldave, 2019, p. 114). O desenvolvimento de seus anseios pessoais e sociais, portanto, são acompanhados tanto por Spier, com quem manteve um relacionamento amoroso intenso além da terapia, quanto por suas páginas escritas diariamente. Em seus textos, percebemos o quanto Etty está envolta em tormentos íntimos, com um vazio existencial difícil de compreender e de lidar:

² Segundo o site *Culture and Creativity*, o Campo de Westerbork funcionou como campo de refugiados para judeus perseguidos pelos nazis até 1942 e foi depois convertido em campo de trânsito a partir do qual judeus e ciganos foram deportados para campos de concentração e extermínio nazis na Alemanha e nos territórios ocupados da Europa Central e Oriental. Disponível em: <https://culture.ec.europa.eu/pt-pt/cultural-heritage/initiatives-and-success-stories/european-heritage-label/european-heritage-label-sites/camp-westerbork-the-netherlands>. Acesso em: 12 fev. 2023.



E hoje de manhã, por um instante, pareceu que tudo ia bem. Mas enquanto pedalava pela Apollolaan veio de novo aquela sensação de desnorteamento, de frustração, de vazio por trás das coisas, de não estar satisfeita com a vida e reclamar disso sem critério ou bom senso. E neste instante estou no pântano. E mesmo a ponderação: “enfim, isso também vai passar” desta vez não traz nenhuma paz. (Hillesum, 2019, p. 44)

De fato, o ato de escrever foi um crescente na vida de Etty e acompanhou seu processo de cura interior. Afinal,

Escrever é uma questão de devir, sempre inacabado, sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria vivível ou vivida. É um processo, quer dizer, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível. (Deleuze, 1993, p. 11)

Se no início de seus diários, ela se atinha a questões mais superficiais do dia a dia, ao longo das páginas percebemos um aprofundamento em suas reflexões, chegando ao cerne de sua busca mais acentuada: a de seu encontro pessoal com Deus. Essa percepção de uma presença celestial em seu ser vai, assim, tomando forma, como visualizamos nesse trecho: “Há dentro de mim um poço muito profundo. E lá dentro está Deus. Às vezes posso chegar até o poço, mas com frequência há pedras e cascalho sobre ele, e Deus está enterrado. Então ele tem que ser novamente desenterrado” (Hillesum, 2019, p. 44).

Destaquemos que, apesar de sua inserção no meio judaico, oriunda de sua família, Etty não foi educada em sua religião. Não praticava seus ritos nem acreditava em todos os seus preceitos. No entanto, sentiu-se extremamente ligada ao povo judeu a partir do momento em que as restrições impostas durante a Segunda Guerra Mundial começaram a atingi-la. Assim, além de iniciar uma jornada a fim de proteger seu povo de tamanho sofrimento (a forma como isso aconteceria ainda era um mistério para ela), empreendeu uma busca incessante por Deus, na figura de Jesus Cristo, na mesma medida que se aproximava dos sofrimentos das pessoas. O ato de se ajoelhar, por exemplo, rito cristão, dá-se em Etty como exteriorização do seu amor a Deus e pelas pessoas:

Estados de espírito. A descoberta repentina de uma coisa que se tornará minha verdade. Amor pelas pessoas, pelo qual será preciso lutar. Não na política ou num partido, mas dentro de mim. Há ainda, porém, uma falsa modéstia para expressá-lo. E aí há Deus. “A garota que não sabia se ajoelhar e no entanto aprendeu a fazê-lo num capacho áspero de um banheiro sujo.” (Hillesum, 2019, p. 116)

Suas conversas com Deus se tornam constantes, assim, à proporção que a Guerra imprime seus tormentos. Nesse contexto, a ética se faz perceber nos registros escritos, os quais refletem as ações tanto exteriores quanto interiores da jovem. Dessa forma, é por meio dos diários que vêm à tona seus processos de encontro consigo mesmo mediados pelo ato de escrever. Cada página descreve o que se passa dentro de Etty e o que transborda, revelando todo o seu amor pela humanidade, tradução de seus princípios éticos.

A ÉTICA NOS ESCRITOS DE ETTY HILLESUM

Em suas conversas com Deus, intermediadas por papel e tinta, Etty agradece, clama e demonstra seu amor e humildade perante essa figura divina e catalisadora para ela. Além disso, faz promessas, como geralmente fazem os cristãos:

Meu Deus, agradeço-te por teres me criado assim, como sou. Agradeço-te por isso, por poder ser tão repleta de amplidão, e essa amplidão não é mais que estar preenchida por ti. Prometo-te que toda a minha vida será empenhada em chegar a essa bela harmonia e também à humildade e ao verdadeiro amor, cujo potencial sinto em mim nos meus melhores momentos. (Hillesum, 2019, p. 138)



Gestos cristãos numa mulher de formação judia poderiam gerar grandes conflitos no seu interior, contudo a certeza de Etty no amor de Deus a ajudava a suportar as maiores aflições. É válido lembrar que a dureza imposta pelo momento histórico da Guerra fez emergir a força interior de Etty, já que, se antes ela vivia sua existência morna e cômoda, com certos privilégios, só agora percebia em que âmbito seria possível alcançar sua vida plena: no encontro com Deus, consigo mesmo e com os outros. E esse encontro não aconteceria de modo tranquilo, mas como uma verdadeira avalanche de sentimentos conflitantes:

A dupla experiência de humanidade — a relação com Spier — e de violência — as medidas nazistas — compõe a trama e a teia sobre as quais se foi tecendo a tela desta vida. Sem a relação com Spier — feita de afetividade e de humanidade —, Etty teria sido sem dúvida esmagada pelo horror e pelo desgaste da perseguição. Sem a ameaça nazista, não teria sido solicitada com tanta força a seguir em frente pelo caminho da interioridade, até optar por ficar conscientemente sozinha e estéril. Uma opção que tem por fim ser fecunda na transmissão de um amor maior, sempre disposto a morrer como paradigma da disponibilidade inacabada de doar-se a cada momento. (Michaeldavide, 2019, p. 26–27)

Dessa forma, adentramos numa ética baseada em princípios religiosos, cuja base não seria estritamente focada em uma religião, a qual pode, entretanto, oferecer preceitos de moralidade segundo Russ (1999). De acordo com a autora, “se a moral e a ética não são religiosas, se elas não se referem a um princípios transcendente que as funda, contudo a Palavra de Deus se inscreve na face de meu próximo, posto que Deus, literalmente fala *no* homem” (Russ, 1999, p. 38). Desse modo, o ideal proposto por Jesus Cristo “Amem-se uns aos outros. Assim como eu ameí vocês, que vocês se amem uns aos outros” (Bíblia Pastoral, João, 13, 34), fixa-se como base para a construção de uma ética na qual o respeito/amor a Deus, a si e aos outros é fundamento direcionador.

Ora, a partir do momento em que Etty se vê encurralada pela Guerra, e junto a si todo um povo, emerge seu desejo pela onipresença divina. Para ela, estar preenchida por Deus não basta; é preciso transbordar, alcançando os demais. O amor que ela devota aos outros se revela, sobretudo, pela ânsia de se abrigar no próprio eu, em busca de forças interiores cujo elemento fundador e basilar seria o Deus cristão e amoroso do Novo Testamento bíblico. Assim ela diz: “Ameaças exteriores cada vez maiores, o terror aumenta a cada dia. Abrigo-me na oração como se ela fosse uma escura parede protetora, recolho-me na oração como numa cela de convento e depois vou de novo para fora, mais unificada, forte e novamente recomposta” (Hillesum, 2019, p. 175).

Desse modo, o ato penitencial de ajoelhar-se tornou-se meio para obtenção de um bem maior, que seria o encontro pessoal com Deus e o fortalecimento espiritual necessário para lidar com as adversidades do momento, bem como colaborar pelo bem de seu povo. A oração trouxe, pois, força para se reorganizar internamente e sair de si para atuar no exterior como um agente pela paz. Percebe-se, assim, que:

Na realidade, não falta sofrimento a ninguém, no entanto, o nosso sofrimento deve ser contextualizado em algo maior, uma vez que, até aquilo que é duro e que, objetivamente, traz infelicidade ou se deve evitar, se pode tornar ocasião para compreender a amplitude da nossa alma e da nossa vida. (Michaeldavide, 2019, p. 60)

Esse é, de fato, um princípio cristão no qual sofrer faria parte de um desenvolvimento pessoal único, jamais alcançado de outra forma, assim como já vimos ou ouvimos falar, quando Jesus Cristo proferiu as seguintes palavras no trecho bíblico conhecido como “Sermão da Montanha”:

³*Felizes os pobres no Espírito, porque deles é o Reino dos Céus.*

⁴*Felizes os que choram, porque serão consolados.*

⁵*Felizes os mansos, porque herdarão a terra.*



⁶*Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.*

(Bíblia Pastoral, Mateus, 5, 3–6)

Assim, é legitimado o fato de sofrer, pois a promessa de Deus é a de uma paz celeste posterior e eterna. A fé nesses preceitos faz com que as pessoas suportem os maiores tormentos, na esperança da plenitude divina.

Nesse processo de descoberta de si, Etty não se mostrou egoísta. Pelo contrário, conhecer seu “eu” perpassava as dores do outro, numa necessidade de vida plena dentro de um contexto coletivo e em ligação com Deus. A completude é algo então almejado, e nesse jogo há de se perceber o princípio afirmativo da ética, o qual concebe uma afirmação dinâmica, viva de nosso ser, e o conceito de que “A ética é a ciência do bem e do mal, a qual toma como ponto de partida o essencial: não valores transcendentais, voltados contra a vida; não as paixões tristes e seu inquietante cortejo de ressentimento e de ódio, mas o poder de vida e do desejo” (Russ, 1999, p. 39–40).

Ao invés da negação e do ódio, portanto, sobressai-se a afirmação ao amor e ao desejo de viver, mesmo numa época hostil a todas as formas de vida e de paz. Segundo Etty, “temos que nos tornar tão independentes de coisas materiais e superficiais que, não importa sob quais circunstâncias, a mente possa continuar a seguir seu caminho e fazer seu trabalho” (Hillesum, 2019, p. 200). Não se apegar aos bens materiais, então, mostrava-se um importante artifício para a garantia da paz interior e coletiva.

Mesmo diante de grandes provações e abstinências, princípios comuns aos ritos cristãos, é preciso agir. Não negar o que acontece, mas buscar formas de existir diante dessas adversidades. Vejamos: em tal situação, seria mais fácil praguejar, lamentar-se, chorar, desistir. Contudo, conforme a ética presente na vida de Etty, ela opta por adaptar-se a essa realidade, fortalecendo-se num contexto em que corpos enfraqueciam mais a cada dia. Todavia, se o corpo padecesse, o espírito seria fortalecido, e esse era o objetivo.

Ligado a isso, outra base para o pensamento ético é o princípio da realidade, cuja ideia “designa um ponto de partida centrado sobre o que existe *efetivamente*: sobre as próprias condições da vida e da existência” (Russ, 1999, p. 42). A partir dele, solicita-se lucidez, olhar, verificação da realidade, ou seja, sair das ideias imaginativas e da ilusão para aceitar o real, que pode ser bom ou ruim, e sobretudo ruim.

Como vemos, aceitar a realidade é um passo crucial para o pensamento ético. No entanto, isso não significa submeter-se a tudo e a todos, pois lutar contra uma realidade nefasta é também, de fato, essencial à ética, por envolver o bem individual e coletivo. Aceitar a realidade é compreender o que se passa, aprender a lidar com ela, não se fechar em fantasias e ilusões, mas fazer parte do que existe. É viver o real. Saber das notícias da Guerra, por exemplo, era um tipo de martírio que Etty vivenciava, como a seguinte, ouvida em 29 de junho de 1942:

A última notícia é que todos os judeus serão deportados da Holanda para a Polônia, via Drente. E a rádio inglesa disse que desde abril do ano passado 700 mil judeus morreram na Alemanha e nos territórios ocupados. E se continuarmos vivos, essas também serão feridas que carregaremos por toda a vida.
(Hillesum, 2019, p. 209)

Essas notícias não eram agradáveis de nenhuma forma: deportação, morte, invasão, traumas e marcas indelévels. Etty e seu povo sofriam, porém ela não fugiu a essa realidade, não se escondeu em seu mundo particular, nem quando pôde. A jovem desejou fazer parte de tudo, sobretudo dos sofrimentos pelos quais seu povo passava e, por isso, optou por ingressar voluntariamente no campo de trânsito de Westerbork. A sua ética envolvia o cuidado, o zelo pelos outros, que tornava evidente sua solidariedade e seu amor. Em 10 de julho de 1942, Etty relatou:

Um dia difícil, um dia muito difícil. Um destino coletivo que é preciso aprender a suportar com a eliminação de qualquer infantilidade pessoal. Qualquer um que ainda queira se salvar sabe muito bem que, se ele não



for, outro terá que ir no seu lugar. E o que importa se sou eu ou outro, este ou aquele? Isso agora se tornou um destino coletivo, e isso as pessoas têm que saber. Um dia muito difícil. (Hillesum, 2019, p. 251–252)

Nesse contexto extremamente difícil, “trata-se da luta contra a ilusão para assumir a realidade como único e autêntico lugar de possível insurreição contra cada ameaça — interior e exterior — à verdade da própria pessoa, que forma um todo com a verdade do Todo” (Michaeldavide, 2019, p. 62). Desse modo, verificamos as lutas de Etty empreendidas dentro de si mesma e contra todo o mal que se instala em seu meio. Certamente, mesmo que tenha perdido a vida, podemos afirmar que ela saiu vitoriosa, visto que teve a oportunidade de se doar o quanto pôde, a partir de suas escolhas, por um bem maior e coletivo.

Então, percebemos o quanto a ética se manifesta nos escritos de Etty Hillesum, já que suas ações, baseadas morais adquiridas por meio dos preceitos familiares, religiosos, literários, entre outros, voltam-se para um bem comum que não se prende à realização particular. Pelo contrário, esse fortalecimento individual de Etty é resultado do seu encontro com os tormentos alheios, o que lhe revela a presença divina nos seres humanos. Logicamente, ela experimentou inúmeras adversidades que, mesmo com coragem, fizeram-na temer pelo presente horrendo e por um futuro incerto. Até porque

A coragem não nos impede de passar pelo medo, ou, antes, não há coragem sem experiência de temor e, por vezes, de terror; como também não há honestidade possível sem a capacidade de olhar para as coisas com toda a verdade, mesmo quando se corre o risco de que esta nos esmague com o peso das suas exigências. (Michaeldavide, 2019, p. 92)

Por isso, o fato de ter escolhido estar entre seu povo, os judeus, para dar sua contribuição, sentir na pele seus sofrimentos, orar junto a eles, faz-nos pensar a respeito do princípio ético da liberdade, o qual é definido por Russ (1999) da seguinte forma:

O princípio de liberdade — afirmando o direito legal de cada um às liberdades fundamentais — acha-se expresso claramente na filosofia ética e política contemporânea, e em relação com o princípio de igualdade. Esse duplo enunciado — liberdade, igualdade — constitui o prolongamento de um princípio muito antigo: cada pessoa tem um direito igual ao conjunto mais extenso de liberdades fundamentais; as liberdades são iguais para todos. (Ross, 1999, p. 49)

Se as liberdades são iguais para todos, as prisões também são? Etty reflete sobre essas questões e chega a agradecer a Deus o fato de estar submetida às preocupações do campo de trânsito:

Sou grata por não teres me deixado ficar sentada nesta escrivaninha tranquila, mas teres me colocado no meio do sofrimento e das preocupações destes tempos. [...] sou tão grata por isto: que ao menos não estou amargurada ou cheia de ódio, mas que existe em mim uma renúncia tão grande, que não é resignação, e também uma espécie de compreensão deste período, por mais estranho que isso possa soar. (Hillesum, 2019, p. 279)

Estar inserida no meio doloroso da Guerra, no papel de vítimas, faz com que o princípio da liberdade ganhe sentido ao mesmo tempo que gera indagações: se a liberdade é igual para todos, por que há algozes e vítimas? Refletir sobre isso também é suscitado pela percepção ética de Etty. Para ela, entretanto, é preferível estar do lado de seu povo, sofrendo, mas também colaborando com o cultivo da esperança em dias melhores para todos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio à Segunda Guerra Mundial contexto no qual cada um travou uma batalha em busca de sobrevivência, quando um pedaço de pão era motivo para uma discussão ou até mesmo para um assassinato, tempo em que o bem-estar pessoal ditava as regras em detrimento bem coletivo, Etty Hillesum trilhou um caminho oposto. A partir do momento em que se percebeu inserida num grupo oprimido, subjugado pelos nazistas, a jovem judia passou a ressignificar a própria existência, fazendo uso de sua espiritualidade em ascensão em prol da alteridade.

Nesse sentido, esclarece-se o papel da ética na vida de Etty, preparando-a para lidar com o outro, de modo que o bem comum pudesse se instalar. Para Etty, o sofrimento alheio também era o seu, e era preferível participar dos tormentos, caso não houvesse meios para resolvê-los, que se afastar. Certamente, verificamos que, muitas vezes, por se sentir incapaz de colaborar pelo bem-estar comum, Etty se recolhia para orar. Entretanto, a partir do preceito cristão de que “como corpo sem o sopro da vida é morto, assim também a fé sem as obras é morta” (Bíblia Pastoral, Tiago, 2, 26), deslocava-se ao encontro do outro, chegando ao ponto de se inscrever voluntariamente para trabalhar no campo de trânsito de Westerbork.

Abandonar seu povo nunca foi uma opção. Sua solidariedade partia de princípios éticos, sobretudo religiosos, nos quais a ânsia por justiça e a esperança por dias melhores figuraram como preenchedores de lacunas suscitadas pela dor, pela Guerra e pelo ódio crescente. Desse modo, ficam mais questionamentos: vivenciar uma grande provação, como o Holocausto para os judeus, seria um impulso para reflexões e posicionamentos éticos? Uma vida cômoda, sem maiores contratempos, não forneceria, assim, os ingredientes necessários para uma existência ética e, portanto, coletiva, visto que preza mais pela manutenção desse estado de calma sem se importar com o externo? De fato, a realidade da Guerra poderia explicar a atitude ética, porém, para isso, seria necessário haver dentro de si valores morais que direcionassem tais ações.

Além disso, questionar Deus pelas atrocidades da Guerra não foi uma atitude adotada por Etty. Também ela não se mostrou resiliente e passiva diante desses horrores, cujos responsáveis eram as próprias pessoas. Omitir-se não foi sua decisão. Etty, com sua força interior em pleno desenvolvimento, escolheu enfrentar seus temores, observando cada íntimo pensamento seu e colocando-os à disposição de suas ações voltadas mais para uma resistência afirmativa, em que cada ser a sua volta se torna parte de sua busca por Deus — um Deus que se presentifica na figura do irmão oprimido.

Se os homens eram responsáveis por tamanho sofrimento, somente eles poderiam reverter o caos instalado. Essa foi uma constatação da própria Etty em seus relatos. Deus estaria impossibilitado pelo fato de que, ao conceder o livre arbítrio aos seres humanos, deixou também as consequências dessas decisões, que poderiam ser desastrosas, para eles resolverem. Modificar esse retrato é uma tarefa de cada um, e Etty se propôs a executá-la como pôde.

Mesmo num cenário em que a morte parecia ser o único fim, Etty buscou significado para sua existência, traduzindo em palavras seu constante anseio por dignidade e paz para todos. Certamente, para se obter esse nível de consciência, foi necessária uma grande força interior capaz de sustentá-la em meio às angústias que ficam nítidas em seus diários, cujo testemunho revela sua entrega a Deus e a seu povo, ressaltando inclusive sua contribuição para a humanidade como um todo. Assim, do mesmo modo como Deus se entregou pelo bem de toda a sua criação, na figura de Jesus Cristo, Etty Hillesum se doou, de corpo e alma, para que pudesse atingir o máximo de sua plenitude.



REFERÊNCIAS

Bíblia Pastoral. (2020). Paulus.

Deleuze, G. (1993). *La Littérature et la Vie, Critique et Clinique*. Minuit, 11–17.

Ferrière, P., & Meeûs-Michiels, I. (2014). *15 dias de oração com Etty Hillesum*. (P. F. Valério, Trad.). Paulinas.

Hillesum, E. (2019). *Uma vida interrompida: Diário de Etty Hillesum, 1941–43*. (M. Guimarães, Trad.). Editora Âyiné.

Michaeldavide, F. (2019). *Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus*. (M. do R. de Castro Pernas, Trad.). Paulinas.

Russ, J. (1999). *Pensamento ético contemporâneo*. (C. Marcondes Cesar, Trad.). Paulus.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.





“BUSCAR EM LONGES TERRAS O QUE EM CASA NOS FALTA”: REFLEXÕES SOBRE O ESTRANGEIRO NO PENSAMENTO DE EDUARDO LOURENÇO

“BUSCAR EM LONGES TERRAS O QUE EM CASA NOS FALTA”: REFLECTIONS ON THE STRANGER IN THE THOUGHT OF EDUARDO LOURENÇO

[10.29073/naus.v4i2.798](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.798)

RECEÇÃO: 20 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 28 de novembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Mafalda Soares , Sorbonne Université, França, mafalda.borges.soares@gmail.com.

RESUMO

Por ocasião do centenário do nascimento de Eduardo Lourenço, e com o intuito de homenagear o seu pensamento enquanto fonte de compreensão dos desafios que atravessam as sociedades europeias dos nossos dias, propomos explorar a noção de “estrangeiro”, focalizando-nos na figura do emigrante português analisada por Eduardo Lourenço na obra *O Labirinto da Saudade*. Abordaremos, mais precisamente, a tendência do imaginário coletivo português, tal como é apresentada no capítulo “A emigração como mito e os mitos da emigração”, para mitificar o fenómeno da emigração. Observaremos que essa tendência representa para Portugal não apenas uma base de criação de certos fantasmas coletivos, mas ainda uma maneira de aceitar a condição europeia do país — e isto na continuidade de um processo de descolonização iniciado nos anos 70 do século XX. Colocaremos, ademais, a tónica no facto de França ter sido (e continuar ainda a ser) um país de referência para os portugueses, acolhendo uma das mais significativas comunidades portuguesas. Para além disso, debruçar-nos-emos sobre as características da integração dos jovens franco-portugueses e dos seus pais em ambiente francês. Com o escopo de aprofundar o pensamento de Lourenço e de tecer uma abordagem comparatista, recorreremos à obra *Étrangers à nous-mêmes* de Julia Kristeva, no âmbito da qual a filósofa búlgara naturalizada francesa reflete sobre o(s) olhar(es) que a civilização europeia pousa sobre os estrangeiros.

PALAVRAS-CHAVE: Eduardo Lourenço; Emigração; Estrangeiro; Julia Kristeva; *O Labirinto da Saudade*.

ABSTRACT

On the occasion of the centenary of Eduardo Lourenço's birth, and in order to pay tribute to his thought as a source of understanding of the challenges facing European societies today, we propose to explore the notion of the 'foreigner', focusing on the figure of the Portuguese emigrant analysed by Lourenço in his work *O Labirinto da Saudade*. More specifically, we will look at the tendency of the Portuguese collective imagination, as presented in the chapter entitled “A emigração como mito e os mitos da emigração”, to mythologise the phenomenon of emigration. For Portugal, this tendency represents not only a basis for the creation of certain collective fantasies, but also a means of accepting the country's European condition — in line with a process of decolonisation that began in the 1970s. We will also highlight the fact that France was (and still is) a country of reference for the Portuguese, home to one of the most significant Portuguese communities. We will look at the ways in which young Franco-Portuguese and their parents integrate into the French environment. To deepen Lourenço's thinking and weave a comparative approach, we will turn to Julia Kristeva's *Étrangers à nous-mêmes*, in which the Bulgarian naturalized French philosopher reflects on the way(s) European civilization looks at foreigners.

KEYWORDS: Eduardo Lourenço; Emigration; Julia Kristeva; *O Labirinto da Saudade*; Stranger.



1. INTRODUÇÃO

Os anos 60 e 70 do século passado foram particularmente árduos para o povo português¹. A emergência de movimentos independentistas em África², aliada à firme vontade do Presidente do Conselho português, António de Oliveira Salazar, em manter o império colonial — enquanto os ventos do progresso desmantelavam, desde 1945, o colonialismo das antigas potências europeias —, conduziram ao deflagrar de uma guerra entre Portugal e as suas colónias africanas. Tratou-se do último campo de batalha do Estado Novo³, cuja estabilidade já havia sido rudemente posta à prova com o “fenómeno” Humberto Delgado⁴. Para satisfazer a necessidade de soldados em solo africano, o serviço militar tornou-se obrigatório para os homens e o seu destino foi assim desenhado pelas pretensões anacrónicas de um regime em decadência⁵. Diante deste cenário de ausência de livre arbítrio, ao qual inúmeras vezes se juntavam as condições miseráveis em que (sobre)viviam as populações que trabalhavam duramente no campo — a agricultura absorvendo, mesmo com Marcelo Caetano⁶, uma percentagem considerável da população ativa portuguesa⁷ —, muitos decidiram emigrar a fim de poder escapar a uma vida sem perspectivas de futuro. Por conseguinte, entre 1960 e 1970, os fluxos migratórios foram substanciais⁸, tendo França sido um dos países de eleição para os portugueses que, enchendo-se de coragem, deixaram a sua pátria, arriscando até, por vezes, as próprias vidas. A postura do governo português perante esta manifestação migratória massiva não foi totalmente clara — à imagem do que se verificou, aliás, aquando da emigração para o Brasil no século XIX. Ora estimada como

¹ As informações históricas aqui veiculadas são retiradas de dois livros, a saber: *Histoire du Portugal* de Albert-Alain Bourdon et *Histoire du Portugal* de Jean-François Labourdette.

² Podemos mencionar aqui a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), dirigida por Holden Roberto, e o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), influenciado pela ideologia marxista e liderado por Agostinho Neto. Foi, com efeito, a revolta deste último movimento, a 4 de fevereiro de 1961 em Luanda, que suscitou uma riposta militar da parte do governo português e o início dos conflitos armados em África.

³ O Estado Novo designa o regime autoritário instalado em Portugal após a aprovação da Constituição de 1933, a qual pôs oficialmente fim à precedente ditadura militar. Este regime está associado à personalidade de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho, que dispensou os antigos militares do poder, tendo-se rodeado de professores universitários. Como características deste novo regime, podemos citar: a ação da polícia política (inicialmente designada por Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado, mais tarde tornada Polícia Internacional e de Defesa do Estado); a organização corporativa (que previa a união das forças de produção e a sua representação, assim como a sua participação na vida política sob um regime comum); a submissão da imprensa à censura (simbolizada pelo famoso lápis azul que os censores utilizavam para indicar as passagens a cortar).

⁴ Humberto Delgado foi um general português que se apresentou às eleições presidenciais de 1958 contra o almirante Américo Tomás, candidato proposto pelo Presidente do Conselho. Aquando da sua campanha, o general Delgado, abertamente contra a postura de Salazar, declarou ter a intenção de o afastar do poder. O carisma do “general sem medo” a par das suas proposições políticas (que desafiavam os pilares do Estado Novo) traduziram-se por uma imensa adesão da multidão aos seus discursos. Não obstante, a fraude eleitoral deu a vitória a Américo Tomás. Para além disso, o general Delgado — que constituía um evidente perigo para a continuidade do regime salazarista — não foi poupado, a sua vida tendo-lhe sido retirada pela PIDE em fevereiro de 1965.

⁵ Depois da independência da Argélia em 1962, Portugal tornou-se o único país europeu a conservar as suas colónias. A sua obstinação colonial foi, aliás, mal vista pelos membros da ONU, sobretudo com a chegada ao poder de John F. Kennedy em 1961.

⁶ Em setembro de 1968, depois de uma queda que lhe provocou um acidente cerebral, Salazar teve de ser afastado do poder. Para o substituir, Américo Tomás, então Presidente da República, apelou ao professor Marcelo Caetano. Os primeiros anos do “marcelismo” foram marcados por uma maior abertura de Portugal aos investimentos estrangeiros, por um desenvolvimento do setor industrial, pelo retorno de exilados políticos como Mário Soares, por um atenuar da censura. Todavia, o facto de não cessar a guerra colonial foi o erro mais grave do governo de Caetano, o que acabou por alimentar a insatisfação das Forças Armadas e o desejo de acabar definitivamente com a guerra por via de um derrube do regime — acontecimento que teve lugar no dia 25 de abril de 1974.

⁷ Graças às medidas tomadas por Marcelo Caetano, Portugal testemunhou, entre 1970 e 1973, de um crescimento não negligenciável do setor industrial, o qual começou a empregar uma boa parte da população ativa portuguesa em detrimento do setor primário. Apesar de tudo, a evolução económica do país não permitiu atingir a qualidade de vida que os outros países europeus ofereciam aos seus habitantes.

⁸ Segundo Jean-François Labourdette, em 1972, havia cerca de 500 000 portugueses em França (cf. Labourdette, 2000, p. 819, nota de rodapé 20). Segundo Irène dos Santos: “Entre 1960 et 1974, près de 1,4 million de Portugais ont émigré (10% de la population totale et 25% de la population active), dont un million vers la France” (Santos, 2005, p. 85).



naturalmente favorável para o país — o qual beneficiava do dinheiro enviado pelos emigrantes e da diminuição do número de desempregados —, ora tratada como fenómeno com necessidade de ser regulado — numa tentativa de dirigir as populações da Europa para a África colonizada —, a emigração para destinos europeus não conheceu verdadeiros entraves à sua progressão⁹. Assim se formou uma importante comunidade de portugueses em França recusando a tirania exercida sobre a sua dignidade, ávidos de tomar as rédeas das suas existências.

A situação mudou de rumo após a Revolução dos Cravos¹⁰, algumas medidas tendo sido tomadas para que os emigrantes fossem considerados como parte integrante da nação (ou, até mesmo, da “trans-nação”) portuguesa. O 10 de junho, antigo Dia da Raça na época de Salazar, transformou-se em Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas (cf. Santos, 2005, p. 86). A pequena casa lusitana ficava doravante associada, não apenas ao seu poeta épico (ou, pelo menos, reivindicado como tal), mas também às comunidades de portugueses repartidas pelo mundo — associação que, como veremos, simboliza para Eduardo Lourenço uma espécie de transferência compensatória da consciência de uma era perdida. Não é seguramente um acaso o facto de o desejo de tornar visíveis os emigrantes surgir no mesmo momento em que as antigas colónias obtiveram, por fim, a independência. Noutros termos, a visibilidade atribuída ao emigrante — herói dos tempos modernos, que não hesita em desbravar as maiores dificuldades para construir o seu destino, qual navegador em busca de novos mundos e lutando contra o seu próprio Adamastor¹¹ — serve para contrabalançar a invisibilidade histórica do império colonial. O movimento da revolução de abril foi assim duplo: por um lado, tratou-se de deixar partir um passado terrestre que já não estava de acordo com a evolução da humanidade; por outro lado, foi questão de preencher, quanto possível, o vazio deixado pelo abandono de uma quimera histórica que, durante tanto tempo, alimentou o espírito português. Num mesmo impulso, uma parte do passado foi sublimada através da arte — tendo o canto poético servido a imortalização, na esfera literária, do que a esfera material não mais podia realizar —, ao passo que a outra parte do passado, mais recente (a concernente à ditadura e aos seus efeitos secundários, particularmente visíveis a nível social) foi camuflada pelo reconhecimento dos objetivos atingidos pelos emigrantes nas terras que os acolheram, deixando-se cair em esquecimento os detalhes do difícil caminho percorrido¹². Com efeito, as conjunturas de partida e de chegada dos emigrantes — e o estudo dos contextos nacionais e internacionais que justificaram esse movimento de populações — permanecem um campo de estudos pouco explorado¹³, o que pode significar uma incapacidade para

⁹ “Depuis la fin du XIX^e siècle, la politique portugaise de l’émigration apparaît contradictoire, car tout en reconnaissant son apport financier (les devises en provenance du Brésil) et son rôle sociologique (résorption de l’excédent démographique et régulation des tensions sociales), l’État tente simultanément de la maîtriser pour le peuplement de l’empire colonial. L’« État nouveau » maintient cette politique contradictoire. Considérée comme allant à l’encontre de la politique nationale d’expansion, l’émigration, devenue européenne à partir de 1960, est alors « quasiment ignorée » (Santos, 2005, p. 86).

¹⁰ Trata-se da revolução do 25 de abril de 1974, que pôs fim ao Estado Novo, permitindo a Portugal (apesar de todas as tensões dos primeiros anos pós-revolução) virar a página da ditadura.

¹¹ No seu artigo “Entre mémoire institutionnelle et mémoire personnelle”, Irène Dos Santos cita uma parte do discurso de encerramento da « Deuxième rencontre des Portugais et Luso-descendants élus dans les municipalités françaises », de 29 de fevereiro de 2004. Nele, torna-se evidente o vazio historiográfico e artístico relativo à emigração portuguesa recente: “Cette épopée, parce que c’est une vraie épopée, est connue dans ses traits généraux, mais pas tellement des Portugais, je parle des Portugais du Portugal. Elle est connue de ceux qui l’ont vécue, qui ont souffert, de ceux qui en ont été les acteurs, mais elle n’a pas eu, ni sur le plan littéraire, ni même sur le plan du documentaire, ou du cinéma, la place qu’elle mérite. [...] Ce n’est pas une épopée au sens de Camões, racontant nos exploits au XVI^e siècle. Nous ne sommes pas venus ici avec les caravelles [...]. Nous sommes venus pieds nus” (Santos, 2005, p. 87–88).

¹² Irène dos Santos menciona essa tendência de apagamento de um passado (individual e coletivo) traumático por via de um discurso sobre a modernidade de Portugal, doravante parceiro europeu de outras nações e país atrativo para determinadas populações: “Cette politique de la mémoire (les commémorations des ‘Communautés portugaises’) ignore de ce fait une histoire difficile, parfois dramatique pour ses acteurs, et surtout peu valorisante pour le Portugal qui tente aujourd’hui de se construire une image de pays ‘moderne’, devenu d’ailleurs un pays d’immigration. Dans ce contexte, les émigrants portugais sont devenus des ‘citoyens européens’, valorisés politiquement en tant que tels, mais sans passé” (Santos, 2005, p. 89).

¹³ “Désignée comme étant une communauté ‘invisible’ (modèle de l’intégration à la française), relativement peu étudiée par les historiens de l’immigration, la reconnaissance de l’existence d’une population portugaise au sein de la population française et de



olhar para as suas próprias cicatrizes e a partir delas erigir uma narrativa crítica de cura e progressão¹⁴. Em vez de recorrer à História como instrumento passível de criar fantasias aventureiras graças às quais o destino de um povo se empola diante do percurso de outras nações, Portugal poderia tentar utilizar a sua História como instrumento de questionamento de certos percursos iniciados e das consequências — para si mesmo e para os outros — de alguns desses desvios.

Tendo sido apresentadas as bases históricas do nosso artigo, o nosso objetivo será agora aprofundar o olhar sobre a figura do emigrante português no pensamento de Eduardo Lourenço. Para o efeito, debruçar-nos-emos, antes de mais, sobre a caracterização que dele oferece Lourenço no seu célebre *Labirinto da Saudade*. Em complemento, algumas considerações de Julia Kristeva sobre a noção de estrangeiro, desenvolvidas no seu livro *Étrangers à nous-mêmes*, ajudar-nos-ão a compreender certos aspetos da nossa própria estranheza, a qual está intimamente ligada, de acordo a psicanalista búlgara naturalizada francesa, à dos outros. As conclusões tecidas ao longo do nosso discurso serão, por fim, sintetizadas na última parte do nosso artigo. Numa altura em que a questão de uma “identidade nacional ameaçada” renasce nos discursos políticos europeus, nomeadamente em França, afigura-se-nos essencial repensar aqui os conceitos de “nacionalidade”, “estrangeiro” e “integração”, ao mesmo tempo que nos deixamos guiar pelos caminhos, com potencial formador, da História contemporânea.

2. DESENVOLVIMENTO

Eduardo Lourenço deu o título de *O Labirinto da Saudade* a uma série de reflexões pessoais sobre as imagens que Portugal fabricou e continua a fabricar sobre si mesmo. No interior dessa obra, o capítulo “A emigração como mito e os mitos da emigração” analisa uma tendência portuguesa para mitificar o passado, nomeadamente a condição do emigrante, em detrimento de uma atenção dirigida para a dimensão que realmente tomou o fenómeno migratório. Lourenço começa por evocar as cerimónias de celebração do 10 de junho na Guarda (em 1977). Essa comemoração, de iniciativa presidencial e governamental, teria sido caracterizada por um excecional destaque do “Portugal Emigrante” (cf. Lourenço, 2001, p. 88). E esse Portugal seria, aos olhos de Lourenço, uma reformulação contemporânea, politicamente correta, de um Portugal ainda apegado à sua sombra colonial, mas esforçando-se, tanto quanto possível, por dissimular esse apego. Com efeito:

O sentido último da cerimónia festiva da Guarda é transparente: centrar a visão do nosso passado, matriz da que precisamos para iluminar um presente diminuído e inquieto, não em volta da imagem do *português-colonizador* que durante quinhentos anos nos serviu de referência e viático épico e moral, mas do *português-emigrante*, sua versão moderna e aceitável (Lourenço, 2001, p. 88).

Dito de outro modo, o mito do emigrante português serviria de colete salva-vidas a um imaginário coletivo à deriva, que ainda agoniza perante a perda do império colonial — em cuja reverberação, durante muito tempo, o país tomou por hábito ver espelhado o seu reflexo. Ademais, Lourenço sublinha o facto de a independência secular, e do orgulho que dela decorre, ter sido trazida à luz como característica da nação portuguesa, insistindo-se na consagração “dessa nova imagem moral, necessária a um povo sem problemas de identificação étnica e histórica, mas perturbado em profundidade pela questão da sua *identidade* e da sua *vocação* num mundo em acelerada e imprevista metamorfose” (Lourenço, 2001, p. 89). Ainda que Portugal possa vangloriar-se de ter as mais antigas fronteiras da Europa, definidas no século XIII aquando do fim da Reconquista¹⁵, isso não o impede de perpetuar uma inquietação relativa à sua missão no concerto das nações. Note-se que Lourenço emprega a expressão “nova imagem moral”: em teoria, esse

sa spécificité au sein d’une histoire nationale de l’immigration, est une question actuelle qui interroge l’injonction à la mémoire” (Santos, 2005, p.94).

¹⁴ “[...] não é nunca progresso mascarar, desfigurar ou amputar o passado em função das urgências do presente, discutíveis ou passageiras” (Lourenço, 2001, 89).

¹⁵ Cf. Labourdette, 2000, p. 52–53.



pequeno país virado para o Atlântico segue a evolução das mentalidades à imagem dos seus colegas ocidentais, acompanhando as mudanças comportamentais às quais convidam os tempos modernos; porém, na prática, o imaginário português continua a flutuar ao largo de um passado erigido como epopeia e como realização, primeira e última, do povo lusitano. Mais do que período descrito nas páginas de um manual escolar com valor pedagógico para o presente e para o futuro, as Descobertas continuam a funcionar como uma espécie de moleta mental — inúmeras vezes sublimada ou subsumida noutras representações, tais como o quinto império de Fernando Pessoa —, aliviando um trauma recente vivido como perda irreparável, tendo já começado em 1822, com a independência do Brasil¹⁶. É eventualmente uma das razões pelas quais, em junho de 2002, aquando das festividades organizadas pela Embaixada de Portugal em Paris e pela Mairie de Paris, as histórias de vida dos emigrantes portugueses em França foram completamente omitidas. Para preencher o silêncio sobre o atravessamento de fronteiras de um país para outro e sobre as condições encontradas à chegada — o que equivaleria a voltar aos duros anos da ditadura salazarista —, a tónica foi colocada na integração conseguida pela comunidade portuguesa em França e na sua extraordinária capacidade de adaptação, de resiliência, de sacrifício, nunca esquecendo ecos épicos e longínquos¹⁷. Entre um passado por assim dizer glorioso, confirmando que “Portugal não é um país pequeno” (segundo a célebre fórmula da propaganda salazarista) e uma entrada na União Europeia vista como forma contemporânea de se estender para lá de um pequeno retângulo geográfico separado do centro da Europa, Portugal encontra-se perante um dilema. Entre a culpabilidade de ter sido grande e a vontade de continuar a sê-lo por meios que evocam, direta ou indiretamente, a sua “idade de ouro”, eis que Portugal se perde num complexo identitário.

Apesar daedulcoração à qual o fenómeno migratório contemporâneo ficou submetido, Eduardo Lourenço mostra-se infatigável na sua tentativa de demonstrar que a emigração portuguesa, nomeadamente para França, esteve intimamente ligada à pobreza e ao estado de um país então subdesenvolvido relativamente aos seus parceiros europeus¹⁸. Não foi a atração pela aventura e pelo desconhecido — atração por vezes tratada como uma espécie de característica genética transmitida aos descendentes dos conquistadores — que desencadeou a saída massiva de portugueses para outros países, mas antes a incapacidade que Portugal demonstrava em oferecer aos seus cidadãos a dignidade que lhes era devida. E uma vez que essa inaptidão ainda pesa sobre a nossa consciência histórica como culpa à qual o imaginário coletivo não deseja regressar, as Humanidades começam timidamente a debruçar-se sobre

¹⁶ Acentue-se que, mesmo se certas manifestações culturais, com vista a uma adaptação perante tendências contemporâneas de pensamento, tentam transformar o império colonial em império espiritual e a conquista em aventura, é absurdo, para Eduardo Lourenço, querer interpretar a obra camoniana sem ter em conta a componente inegavelmente colonial do tempo em que foi composta: “É um contra-senso cultural — embora de tentação óbvia — querer fazer coincidir a imagem literária de Camões e a sua imagem *ideológica*” (Lourenço, 2001, p. 89).

¹⁷ Lourenço lembra, aliás, a tendência de alguns historiadores e sociólogos para provar a índole emigrante do povo português, índole amplamente realizada durante o período dos Descobrimentos. Impera, todavia, recordar que, de acordo com o nosso eminente pensador, a antiga emigração (a que se iniciou no século XV) e a emigração recente (a do século XX) não são do mesmo tipo, apesar das ligações que se procura tecer entre ambas. A emigração dos anos 60 e 70 pressupõe a miséria e a pobreza tão recorrentemente esquecidas. “Historiadores eminentes como Vitorino Magalhães Godinho ou sociólogos da cultura portuguesa como Joel Serrão poderiam explicar-nos até que ponto uma grande parte da nossa aventura histórica «expansionista» pode, ou não, ser considerada como uma espécie de subproduto desse fenómeno mais radical da nossa condição de emigrante. Mas com a maior boa vontade do mundo, nem um nem outro poderiam amalgamar numa só referência, ou atribuir o mesmo significado, e, por conseguinte, o mesmo papel como elemento definidor do perfil no mundo, ao processo global da nossa «emigração» à antiga e à moderna, por serem, como são, de sinais contrários” (Lourenço, 2001, 91).

¹⁸ “Pobres, saímos agora de casa para servir povos mais ricos e organizados do que nós. Nenhum Camões — nem de entre os herdeiros do neo-realismo — se lembrou de tematizar, como conviria, esta «gesta» de um tipo novo. Talvez seja excessivo convocar a memória da epopeia positiva [...] para converter em qualquer coisa de exaltante o que é da ordem da pura necessidade e ao mesmo tempo um resumo aflitivo de todos os males de que há muito sofremos enquanto nação insuficientemente desenvolvida” (Lourenço, 2001, 92).



essas peripécias e a exumar os traumas passados atinentes ao atravessamento de fronteiras¹⁹. Um dia, será necessário substituir o tom grandiloquente e homérico por uma inflexão introspetiva e sensata, capaz de analisar os feitos históricos à luz do que sucedeu e não movidos pela vontade de ver aparecer, através dos sons e dos sentidos da língua portuguesa, uma ilusão de ótica do país. É, na verdade, uma das intenções de Lourenço:

A emigração moderna (na verdade há duas, a da França ou Alemanha não é a mesma dos países de emigrantes como a Venezuela ou o Brasil) é um fenómeno complexo que põe em causa, a diversos níveis, de maneira indirecta, a imagem de nós mesmos mas por isso deve ser apreendida *na sua verdade*, de maneira adulta e não servir de pretexto como serve a muita gente, a fantasmas colectivos, uns positivos outros negativos, que têm pouco a ver com ela e tudo com a boa ou má consciência com que aqueles que não emigraram a utilizam. E dessa verdade faz parte integrante esta evidência imensamente triste e imensamente justa: milhares e milhares dos nossos compatriotas — e em particular os seus filhos — são *felizes* lá fora, ou pelo menos, já estão tão inseridos na trama dos povos que os acolheram que a ideia mítica do regresso a Portugal só a isso se resume. Insinuar o contrário é mentir ou querer iludir-se, e era bom que uma boa parte da «ideologia» da assistência cultural ao emigrante tivesse em conta, mais do que é costume, uma realidade pouco grata ao nosso amor próprio de povo criador de povos, hoje solicitado a fundir-se em outros sem regresso possível” (Lourenço, 2001, p. 93).

O fenómeno contemporâneo da emigração deve, portanto, ser considerado como um lugar de questionamento sobre as verdadeiras características do Portugal atual e sobre as possibilidades que este oferece, ou não, aos portugueses. E, no caso em que um questionamento ocorra de facto, esse deverá implicar pôr em causa as imagens atrás das quais se escondem não-ditos, de entre os quais aqueles que retiram Portugal do seu pedestal heroico e mitificado. Por conseguinte, atingir uma certa maturidade histórica implicaria saber abordar os acontecimentos *tal como se apresentaram* e não *tal como podem servir a construção de uma representação quimérica de um país*. Cessar de acreditar que Portugal tão-só pode ser grande para além das suas fronteiras terrestres e que o valor do país depende dos feitos realizados fora do território seria já um primeiro passo para uma visão mais realista do destino nacional²⁰. Ademais, aceitar que outros países possam oferecer melhores condições de vida aos portugueses e que esses países beneficiarão de uma força de trabalho e de qualidades intelectuais ou empresariais que não teriam podido ver a luz do dia se essas pessoas não tivessem emigrado é outro passo em direção à consciência do país sobre a sua própria realidade. No fundo, mais do que nos trazer à memória o passado no seu pretensu esplendor, o emigrante contemporâneo deveria conduzir-nos a entrever o reverso da medalha, os silêncios perpetuados por um imaginário que privilegia a fantasia em detrimento da análise.

¹⁹ Referindo-se à experiência dos retornados — outro fenómeno migratório traumático para o Portugal descolonizado e pós-ditatorial —, Elsa Peralta frisa uma atenção recente, a partir dos anos 2000, virada para um silêncio memorialístico (cf. Peralta, 2019, p. 332–334). Essa atenção teria sido despertada: pelo tempo (uma vez que a autorreflexão exige uma certa distância temporal entre o trauma e a capacidade de o abordar); o envelhecimento (dado que o fim da vida instaura uma necessidade, para os pais e/ou para os filhos, de fazer o ponto da situação sobre certas experiências); a vontade de entender (de fazer renascer o passado para nele inscrever o sentido das suas ações e o seu papel num destino comum). Ora, todos estes fatores podem também explicar uma vontade nascente de concentrar-se nos lugares esquecidos da História de Portugal, como a preconizada por Eduardo Lourenço.

²⁰ O programa *Portugueses pelo Mundo*, um conjunto de curtos documentários difundidos pelo canal televisivo RTP, reforça o olhar orgulhoso de um país relativamente aos seus emigrantes — orgulhoso, mais precisamente, daquilo que esses emigrantes representam no seio de outras nações, uma vez que souberam mostrar o seu valor no estrangeiro. Não por acaso, na descrição da série, é possível aperceber a frase “Portugal é conhecido por dar cartas no Mundo, com profissionais de excelência nas mais diversas áreas”, o que pressupõe uma espécie de transferência metonímica. Com efeito, o alcance das ações dos emigrantes tem um impacto direto na imagem de Portugal para lá das suas fronteiras, o que significa que o sucesso dos portugueses fora do seu país de origem se transforma no sucesso de Portugal aos olhos do mundo. Reencontramos aqui uma tendência já apercebida neste artigo, a saber: o facto de se colocar a tónica no que foi adquirido, e não no percurso, por vezes árduo, para lá se chegar.



Essa capacidade de colocar em causa a nossa própria imagem, identificada por Lourenço na figura do emigrante, tem ecos surpreendentes com as observações de Julia Kristeva a propósito do estrangeiro:

Étrangement, l'étranger nous habite : il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine notre demeure, le temps où s'abîment l'entente et la sympathie. [...] Symptôme qui rend précisément le « nous » problématique, peut-être impossible, l'étranger commence lorsque surgit la conscience de ma différence et s'achève lorsque nous nous reconnaissons tous étrangers, rebelles aux liens et aux communautés (Kristeva, 1991, p. 9).

À imagem do emigrante de Lourenço — que apela a revisitar o “nós” que o imaginário coletivo constrói como um todo unido, feliz e coerente —, o estrangeiro de Kristeva abre a porta a um lado oculto com que não temos o hábito de lidar. Por este facto, o estrangeiro apresenta-se como aquele que faz desmoronar as estruturas do meu próprio abrigo, uma vez que propõe uma diferença incapaz de se encaixar no quadro mental de quem dele se aproxima. O estrangeiro instaura a consciência de uma distinção, podendo essa consciência levar ao reconhecimento de um lugar ainda não explorado, de uma zona desconhecida no interior do sujeito, ou até mesmo no interior da coletividade, à qual o estrangeiro não pertence, mas em que se insere. Noutros termos, a diversidade trazida pelo estrangeiro incita a uma relativização da nossa própria verdade²¹. Podemos, assim, estipular que o emigrante de Lourenço é estrangeiro à maneira de Kristeva: não apenas porque provoca no outro uma reflexão sobre a sua estranheza (sobre o que esconde a si mesmo), mas ainda, e por ricochete, porque coloca questões sobre lugares estrangeiros/estranhos aos quais os indivíduos e as coletividades não estão acostumados a fazer referência. O emigrante de Lourenço é, à imagem do estrangeiro de Kristeva, uma presença entre dois mundos, tornado estrangeiro para o país que deixa atrás de si — e instaurando nesse país abandonado uma necessidade de repensar as condições de vida que oferece aos seus cidadãos — e estrangeiro no país que o acolhe — propondo, com a sua bagagem cultural e social, uma nova maneira de ver o mundo. Em suma, o emigrante-estrangeiro é aquele que, encontrando-se numa posição intermediária, incita duplamente a colocar em causa verdades adquiridas. É-nos, assim, possível afirmar que “emigrante” é um termo referente a uma *condição geográfica* associada ao movimento (o facto de sair do seu país natal para entrar noutro país), ao passo que o “estrangeiro” é um termo mais vasto fazendo alusão à *condição metafísica* de todos quanto deixaram os seus lares — e que, incarnando uma certa forma de exterioridade, acabam por simbolizar uma certa forma de questionamento.

Esta ideia de questionamento e esta vontade de voltar aos subentendidos do passado é, segundo Irène dos Santos (cf. Santos, 2005, p. 89), uma propensão verificável em alguns jovens franco-portugueses, filhos de emigrantes em França. Com efeitos, alguns têm tendência para se sentir emocionalmente ligados ao país dos seus pais, reunindo-se em espaços associativos a fim de manter contacto e preservar essa cultura portuguesa. Alguns alimentam inclusive a vontade de ir viver para Portugal, país de férias e de origens familiares idealizado, quando tiverem terminado os estudos em França. Para além do mais, o falecimento de um membro da família ou o nascimento de um filho pode provocar nestes jovens franco-portugueses uma vontade de interrogar as zonas sombrias da vida dos seus ascendentes. Instala-se, então, uma busca para clarificar aspetos não mencionados nos discursos dos pais e/ou dos avós, de entre os quais as árduas travessias a pé ou de transportes para chegar até França, a clandestinidade da partida, o quotidiano miserável nos bairros de lata franceses. Como sublinha Irène dos Santos: “Leurs parents ont préféré taire des événements de leur vécu jugés traumatisants, même s’il est probable que la mémoire de l’émigration est différemment assumée selon les représentations que s’en fait l’émigré (culpabilité, fierté), selon la nature de l’expérience (la clandestinité a engendré des conditions traumatisantes, humiliantes) et les raisons de départ (économiques, politiques)” (Santos, 2005, p. 90). Por um lado, esse espaço vazio das memórias individual e

²¹ “L'étranger se fortifie de cet intervalle qui le décolle des autres comme de lui-même et lui donne le sentiment lointain non pas d'être dans la vérité, mais de relativiser et de se relativiser là où les autres sont en proie aux ornières de la monovalence.” (Kristeva, 1991, p. 16).



coletiva é motivado pela incapacidade do destino de partida e do destino de chegada em confrontar-se com a situação dos emigrantes e em desfazer-se de certos fantasmas de um imaginário partilhado. Por outro lado, o silêncio é cimentado pela vergonha sentida no próprio seio das famílias e por uma vontade de não sobrecarregar os filhos com conteúdos mnésicos negativos. Podemos, assim, concluir que o tabu, coletivamente aceite — e, de certa maneira, coletivamente desejado —, é reforçado por uma atitude de autocensura pela parte dos indivíduos quanto ao seu passado.

Paul Connerton, autor do artigo *Seven types of forgetting*, apresenta três tipos de esquecimento que descrevem, em nosso entender, alguns traços da emigração portuguesa em França. O primeiro é o *prescriptive forgetting*, ou seja, o tipo de esquecimento operado pelos poderes instituídos com vista a um interesse, por assim dizer, comum²². Connerton dá o exemplo da Grécia que, depois de um tempo de ditadura, proibiu a memória de qualquer crime e de qualquer crueldade associados a esse período, para que a vida na *polis* pudesse continuar. Isto equivale a dizer que esquecer as dificuldades passadas é visto como uma etapa necessária para uma adaptação mais serena ao presente. Não voltar a certas experiências — ou até, fazer como se não tivessem existido — seria recomendável para poder avançar enquanto sociedade. Este raciocínio parece ter sido colocado em prática pelo governo português no pós-25 de abril (ansioso por enterrar a memória salazarista e os seus símbolos). Todavia, bem sabemos, desde Freud, que as experiências traumáticas, se recalçadas, acabam por manifestar-se sob formas diversas, e que os não-ditos encontram sempre qualquer outro meio simbólico para se expressar. Por conseguinte, voltar aos traumas históricos seria uma maneira sã, não apenas de dar voz a todos quanto não puderam ou não quiseram partilhar as suas humilhações, mas ainda de perguntar que valores mais pesam para os Estados em detrimento do bem-estar e da segurança dos seus cidadãos.

O segundo tipo de esquecimento que aqui nos interessa é o *forgetting that is constitutive in the formation of a new identity*²³. Contrariamente ao *prescriptive forgetting*, que emana de uma resolução dos governos, este esquecimento desenvolve-se a partir da ação dos indivíduos. Para poder principiar uma nova etapa do seu percurso, o sujeito esforça-se por renovar o conjunto das suas memórias ao mesmo tempo que deixa para trás as lembranças que o ligam a um passado doloroso. Foi o caso de muitos emigrantes portugueses em França que decidiram concentrar-se na transformação da sua infeliz condição em benefício para o futuro dos seus filhos e da sua reforma, o regresso a Portugal sendo amiúde o derradeiro objetivo em fim de vida. Dito de outro modo, o passado é deixado de lado, silenciado na sua crueldade, para que se possa abrir espaço para um presente que prepara um melhor porvir.

O último tipo a que desejamos fazer referência é o *forgetting as a humiliated silence*²⁴. O choque emocional suscitado pela consciência de se ter sido humilhado impede os indivíduos e as coletividades de falar sobre o assunto sem por ele serem profundamente afetados (ou até, de encontrar as palavras adequadas para o abordar); eis a razão pela qual o tempo e o distanciamento que este possibilita são necessários para uma eventual confrontação com certos acontecimentos. Por conseguinte, para que os cidadãos e as nações possam fazer face às suas feridas abertas, um

²² “What might be called prescriptive forgetting is distinct from this. Like erasure, it is precipitated by an act of state, but it differs from erasure because it is believed to be in the interests of all parties to the previous dispute and because it can therefore be acknowledged publicly” (Connerton, 2008, p. 61).

²³ “The emphasis here is not so much on the loss entailed in being unable to retain certain things as rather on the gain that accrues to those who know how to discard memories that serve no practicable purpose in the management of one’s current identity and ongoing purposes” (Connerton, 2008, p. 63).

²⁴ “We are faced here with the silence of humiliation and shame. The conspicuous paucity of observation and comment on the subject of the bombing and its long-term effects amounts, in other words, to the tacit imposition of a taboo. Confronted with a taboo, people can fall silent out of terror or panic or because they can find no appropriate words. We cannot, of course, infer the fact of forgetting from the fact of silence. Nevertheless, some acts of silence may be an attempt to bury things beyond expression and the reach of memory; yet such silencings, while they are a type of repression, can at the same time be a form of survival, and the desire to forget may be an essential ingredient in that process of survival” (Connerton, 2008, p. 68).



período de tabu — ou de cicatrização — é voluntária ou involuntariamente instaurado. Trata-se, segundo Connerton, de uma espécie de repressão que funciona, em simultâneo, como um instinto de sobrevivência. Assim o foi para a sociedade portuguesa do século XX: para poder virar a página compacta da ditadura — à qual se associava, entre outras coisas, a guerra colonial —, e para conseguir enfrentar todos os danos sociais, culturais, económicos e políticos que esses acontecimentos infligiram nos portugueses, estes últimos aprenderam a não ser confrontados com esta dura realidade: o seu próprio país, que deveria ser um lugar seguro, tirara-lhes dignidade e futuro, tendo-os forçado ao exílio.

3. CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão, voltemos à citação de Eduardo Lourenço que dá título ao nosso artigo:

Aventura de pobre é sempre a dos que buscam em longes terras o que em casa lhes falta. Contudo, não se ganha nada, a não ser contribuir para novos mitos, pouco inocentes, tanto sob o plano cultural como político, em unir ou assimilar o que a história separou e continua separado. [...] Que tem a ver *esta* «emigração» [a «emigração» simbólica, de que Camões seria agora o exemplar e mítico patrono] [...] com a *emigração dolorosa* que há duas dúzias de anos converteu a população mais pobre, mas também a mais enérgica, das nossas aldeias e vilas, nos *soutiers de l'Europe* para empregar um título famoso de *Le Monde*? (Lourenço, 2001, p. 91–92).

Noutros termos, a emigração do século XX está intimamente ligada a uma falta, a uma necessidade, a uma carência, sentidas no âmago do país de origem. E querer dissimular essa penúria, essa pobreza, essa miséria através de uma analogia recorrente com um outro tipo de emigração histórica, que data do tempo das Descobertas, é areia atirada para os nossos olhos. As épocas e os motivos não são comparáveis; ou talvez o sejam na exata medida em que são o verso e o reverso de uma mesma medalha, a saber: o olhar de Portugal sobre si mesmo. Ao passo que a emigração do tempo de Camões constitui a imagem com a qual os portugueses almejam aparecer perante si próprios e perante o mundo — a exterioridade pretendida, a grandiosidade sonhada —, já a emigração do tempo de Salazar se apresenta como o conjunto de feitos e de memórias que o país anseia recalcar para que com ele não tenha de se confrontar e de se identificar. Eis a razão pela qual a primeira é louvada pelo canto de um poeta alegadamente épico²⁵, enquanto a segunda está ausente dos discursos políticos, das celebrações nacionais, dos manuais de História.

Tendo em conta as informações aqui veiculadas, e com o intuito de adensar o debate sobre os desafios nacionais e internacionais que os fluxos migratórios contemporâneos representam, propomo-nos encerrar a nossa contribuição com potenciais definições de “nacionalidade”, “integração” e “estrangeiro”. A nacionalidade pode, a nosso ver, ser compreendida como uma ligação de natureza múltipla (jurídica, política, social, administrativa, cultural, histórica), estabelecida entre o indivíduo, os seus compatriotas e o Estado. Exteriormente, esta ligação manifesta-se pelo pertencimento a uma comunidade e pela adoção, mais ou menos bem-sucedida, dos direitos e dos deveres dessa comunidade. Interiormente, essa ligação toma a forma de um património partilhado — a que correntemente se dá o nome de “imaginário coletivo” —, o qual existe por via das adesões e das resistências que cada sujeito transporta em si relativamente a essa herança. Por conseguinte, ter uma nacionalidade implica não apenas receber o material que um certo país nos lega, mas ainda ser capaz de questionar as zonas sombrias e as incoerências da sua própria tradição. Dito de outro modo, isso pressupõe pertencer e, ao mesmo tempo, colocar em questão — ou, se quisermos, pertencer por via de um processo de questionamento. Da mesma forma, “integração” (isto é, o facto de se entrar e de se tornar parte integrante de) passa pela receção de uma realidade outra e, simultaneamente, por uma espécie de resistência ou de confrontação entre a bagagem que já se tem e aquela com que nos deparamos. Ora, essa resistência não deve ser interpretada como uma tentativa de substituição da cultura local ou como uma prova de

²⁵ Não nos esqueçamos que, no fim de cada Canto d'*Os Lusíadas*, há um “desencanto”, uma vez que aí o poeta deixa rédea solta ao seu lirismo, o qual confere uma viva expressão ao seu descontentamento quanto à época e quanto aos seus contemporâneos.



inadaptação da parte de quem chega, mas antes como uma eventualidade de diálogo e de trocas entre culturas. Ao colocar-se em movimento, o emigrante transforma o seu olhar perante o país que deixa e leva, para o seu novo lar, um modo original de ver o mundo. Se as nações se preocupassem mais com reinventar-se e menos com cristalizar-se, talvez pudéssemos repensar mais facilmente o passado, assim como as representações que este constrói do presente e do porvir. Na verdade, o alegado “problema” da emigração é amiúde um “problema” de contestação de uma imagem erigida para durar, qual essência imutável de um povo; mas é esquecermo-nos de que a história de um país não se limita à história dos seus cidadãos, arquitetando-se graças às simbioses derivadas do cruzamento de várias comunidades²⁶. E tendo em conta que, como visto anteriormente, o estrangeiro é todo aquele que pode fazer emergir conteúdos recalcados pelos indivíduos e pelas sociedades, juntemo-nos a Julia Kristeva e a Sigmund Freud a fim de tornar mais complexa esta reflexão. O inconsciente freudiano — associado, por excelência, ao estranhamento — é uma familiaridade, uma proximidade, uma intimidade colocada à distância, descartada, rejeitada²⁷. O outro — ou seja, aquele com quem não desejo identificar-me ou, até, as histórias que não temos intenção de contar a nós mesmos — é parte integrante do mesmo — das narrativas com as quais se constitui um sentimento de si. Assim é o caso do estrangeiro: humanamente próximo e imaginariamente diferente, confortando-nos no seu pertencimento à humanidade e desestabilizando-nos enquanto membro de outra comunidade. Ele é, ao mesmo tempo, familiar na sua universalidade e desconhecido na sua particularidade. E na sua condição de espelho dos nossos próprios sentidos ocultos, é um desafio lançado aos mais audaciosos. Assim sendo, em vez de dizer “que faz este estrangeiro no meu país?”, talvez devêssemos começar por colocar uma outra questão: “que zonas secretas de mim mesmo e do que me envolve este estrangeiro me obriga a mostrar?”. E, porventura, trilhando esse caminho ao qual nos convida o estranhamento, conseguiremos um dia fazer com que o rosto dos nossos emigrantes não mais seja a superfície para lá da qual se deixam esquecidas certas histórias, mas antes a fachada sobre a qual se esquivam as primeiras letras das páginas desvanecidas da nossa História.

REFERÊNCIAS

Kristeva, J. (1991). *Étrangers à nous-mêmes*. Gallimard.

Connerton, P. (2008). Seven types of forgetting. *Memory Studies*, 1(1), 59–71. <https://marcuse.faculty.history.ucsb.edu/classes/201/articles/08Connerton7TypesForgetting.pdf>

Labourdette, J.-F. (2000). *Histoire du Portugal* (versão numérica). Fayard.

²⁶ Tomemos o exemplo da História de Portugal. Como poderemos nós compreender o Portugal atual se não tivermos em conta os povos que habitaram na Península Ibérica antes da Reconquista, como sejam os iberos, os fenícios, os gregos, os romanos, os suevos, os visigodos ou os berberes (cf. Labourdette, 2000, p. 20–32)? Para além disso, o pai de D. Afonso Henriques vinha de Borgonha e a sua mãe era filha do rei de Leão, de Castela e da Galiza (cf. Labourdette, 2000, p. 38–41). E não se deve esquecer que os Descobrimentos não foram possíveis senão graças a conhecimentos e instrumentos vindos de outras partes do mundo: o aperfeiçoamento da bússula proveniente da China e o seu uso difundido pelos árabes no Mediterrâneo; a vela triangular inventada pelos gregos ou pelos sírios; os barcos cantábricos exportados em diferentes regiões da Europa no século XIV; a grande variedade de navios de origem muçulmana no sul de Portugal; os saberes do mundo romano; a tradução de tratados árabes depois da Reconquista; o aperfeiçoamento do astrolábio pelos muçulmanos; os conhecimentos transmitidos pelos peregrinos, pelos embaixadores e pelos viajantes em toda a Europa; a participação dos italianos, dos bascos, dos castelhanos e dos povos do Norte da Europa na expansão portuguesa (cf. Labourdette, 2000, p. 181–185).

²⁷ “Cette immanence de l'étrange dans le familier est considérée comme une preuve étymologique de l'hypothèse psychanalytique selon laquelle « l'inquiétante étrangeté est cette variété particulière de l'effrayant qui remonte au depuis longtemps connu, depuis longtemps familier » [...]. Ainsi donc, ce qui est étrangement inquiétant serait ce qui a été (notons le passé) familier et qui, dans certaines conditions (lesquelles ?), se manifeste. Un premier pas est franchi qui déloge l'inquiétante étrangeté de l'extériorité dans laquelle la fixe la peur, pour la replacer à l'intérieur non pas du familier en tant que propre, mais d'un familier potentiellement entaché d'étrange et renvoyé (par-delà son origine imaginaire) à un passé impropre. L'autre, c'est mon (« propre ») inconscient” (Kristeva, 1991, p. 270–271).



Bourdon, A. A., & Léonard, Y. (2019). *Histoire du Portugal* (version numérique). Chandeigne.

Lourenço, Eduardo (2001). *O Labirinto da Saudade — Psicanálise Mítica do Destino Português* (version numérique). Gradiva.

Peralta, Elsa (2019). A integração dos “retornados” na sociedade portuguesa: identidade, desidentificação e ocultação. *Análise Social*, 54(2), 310–337. <https://doi.org/10.31447/as00032573.2019231.04>

Santos, Irène dos (2005). « Entre mémoire institutionnelle et mémoire personnelle. Quelle mémoire partagée de la migration portugaise en France ? ». *Diasporas: Histoire et société: Migrations en mémoire*, 6, 84–95.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.





MARIA E SOPHIA — CONFIDÊNCIAS E DESABAFOS (2.ª ED.), DE ROSABELA AFONSO. EDITORIAL NOVEMBRO (2022)

[10.29073/naus.v4i2.866](https://doi.org/10.29073/naus.v4i2.866)

RECEÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 16 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Luísa Fresta, Angola/Portugal, lulotapt@yahoo.com.br.

Escolho *Maria e Sophia — Confidências e Desabafos* para tecer alguns brevíssimos comentários — apenas um olhar descomprometido de leitora —, embora já me tenha pronunciado informalmente sobre outros livros de Rosabela Afonso (*O Visionário* e *O Chá da Joaquina*, ambos com ilustrações originais e muito personalizadas, assim como *Os Tempos de Sophia*, uma obra biográfica cujas ilustrações, de Sara Afonso, me seduziram desde o primeiro traço).

Nesta obra, ficamos a conhecer a especial cumplicidade e amizade edificada entre Maria de Jesus Simões Barroso Soares e Sophia de Mello Breyner Andresen, ou simplesmente Maria e Sophia, duas mulheres que marcaram o nosso tempo, as artes e a luta pela democracia e pela liberdade em Portugal, no período pré Revolução dos Cravos.

Sem surpresa — mas nem por isso com menos encantamento — encontramos um texto solidamente estruturado, impregnado de doçura e de esperança. Rosabela Afonso é uma autora rigorosa, atenta ao pormenor: este trabalho é o resultado de uma pesquisa aturada entre depoimentos, documentários e obras biográficas. O texto tem por isso um cunho realista, no qual os espaços em branco da História são preenchidos com a imaginação, a intuição, a dedução e a criatividade, próprias dos autores de ficção.

A História oferece-nos fragmentos, circunstâncias, factos, datas e nomes, acontecimentos e momentos marcantes das sociedades e da dinâmica dos povos. No mais, nota-se neste texto o trabalho minucioso da autora. Fica bem patente todo o entendimento e solidária intimidade tecida entre estas duas mulheres extraordinárias, que as circunstâncias e convicções políticas e filosóficas aproximaram. Duas intelectuais, mulheres de reflexão e ação, mães de família, comprometidas com a liberdade e a luta antifascista; mulheres resistentes, engenhosas, cujos maridos conheceram a dor da prisão e foram perseguidos, pressionados, vigiados e encurralados das mais diversas formas. A estas mulheres não faltaram coragem, fé, constância, pois conheceram a solidariedade e o amparo dos amigos (mesmo que muitos, por medo ou por convicção, lhes virassem as costas) e conseguiram sempre visualizar um futuro melhor, de desenvolvimento — e com respeito pela pluralidade de opiniões, culturas e mentalidades, sem presos políticos. Terá sido esse estado de espírito que as animou até à chegada da *primavera*, à qual tantas vezes se alude nesta obra de Rosabela com gosto de liberdade.

Maria foi uma atriz empenhada e conceituada, professora, diretora escolar e ativista política, uma das fundadoras do Partido Socialista, em 1973, impedida por diversas vezes de exercer a sua atividade como docente, no ensino público e privado, e também como atriz, por motivos políticos, situação que só viria a desanuviar-se completamente com a revolução de abril. O seu marido, Mário Soares, que seria presidente de Portugal entre 1986 e 1996, conheceu a prisão e o exílio no período da ditadura, altura em que as responsabilidades familiares e profissionais da esposa se tornaram, conseqüentemente, ainda maiores, no contexto do casal assim como da família nuclear e alargada.

A amizade entre Maria e Sophia, exímia poeta, distinta contista, tradutora e autora de várias obras para crianças e jovens (que viria a ser prémio Camões em 1999), parecia inevitável. De idades aproximadas, ambas conheceram a angústia de ver os maridos encarcerados e de terem de assumir uma postura inabalável de coragem e resistência perante o resto da família, nomeadamente filhos menores e pais idosos. Sophia, de raízes aristocratas, teve muitas



vezes que enfrentar pessoas próximas por defender os valores da democracia, como é sublinhado na obra de Rosabela Afonso. Sophia era, na altura, casada com Francisco Sousa Tavares, jornalista, político e advogado.

Ambas são descritas neste texto teatral como o eixo das respetivas famílias, defensoras do património, da sobrevivência e da coesão familiar, símbolos de resistência. Mulheres corajosas, inteligentes, de convicções fortes, centradas na família, no trabalho, na defesa dos valores democráticos e no afeto; mas também na gestão das rotinas e até das situações imprevistas e dolorosas. Por outras palavras, seres humanos *comuns*, no melhor dos sentidos, com classe, forte temperamento, solidárias e astuciosas.

Há um apontamento curioso (extra livro) que permite estabelecer uma ligação ao poeta brasileiro Germano Xavier. Desde 2005 que estão colocados, no Oceanário de Lisboa, poemas de Sophia com uma forte relação com o mar: os visitantes são assim convidados a integrarem esses poemas na experiência sensorial que inclui a ideia da proximidade com o mar. Ora, reza a história que Germano teria ficado seduzido pelos textos e pela sua presença naquele local e por esse motivo dedicou a Sophia uma série de poemas, que seriam mais tarde inseridos no capítulo AS COISAS MINHAS DE SOPHIA (ou Poemas para o Grande Peixe: o Tempo), parte integrante do livro *ESPLANADA DO TEMPO/LA TERRASSE DU TEMPS*¹, editado escassos anos depois do centenário da autora, em 2019.

Voltando ao livro que nos une (como o mar de Sophia), antecipamos o prazer de vê-lo encenado como merece. O texto possui ritmo, coerência e alma, junta o verdadeiro com o verosímil, o provável, o plausível. É uma narrativa viva, credível, capaz de prender os futuros espetadores assim como cativa agora os leitores. Imaginamos cenários sóbrios e um figurino rigoroso de Maria e de Sophia. As pessoas transformaram-se em *personagens*, cuja amizade se perpetua na memória através da comunicação entre a História, as narrativas e olhares, entre a dramaturga, os atores (principalmente atrizes) e o público. O teatro é o abraço entre o palco e a plateia, assim como os livros aproximam os escritores dos leitores.

REFERÊNCIAS

Afonso, R. (2022). *Maria e Sophia — Confidências e Desabafos* (2.ª ed.). Editorial Novembro.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

¹ Livro de poesia bilingue editado no Brasil pela Penalux, em 2022 (com tradução para francês de Luísa Fresta). Este livro é parte da Trilogia do Centauro, cujo primeiro tomo é *O HOMEM ENCURREALADO/L'HOMME ACCULÉ*. Ambos os livros contêm textos de Luís Osete Carvalho, de Regina Correia e de Luísa Fresta.

**Revista Lusófona de
Estudos Culturais e
Comunicacionais**
Cultivando conhecimento